

NOV-DEZ 2018

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 15,50



OS MEIOS E

A MENSAGEM

A estratégia digital a
serviço da igreja local



CLUBE DE LEITURA 2019

CRIANÇAS E AVENTUREIROS

6 a 9 anos



Já pensou alguma vez nessas perguntas? Leia este livro e descubra respostas que o ajudarão a encontrar um sentido especial para sua vida.

JUVENIS E DESBRAVADORES

10 a 15 anos



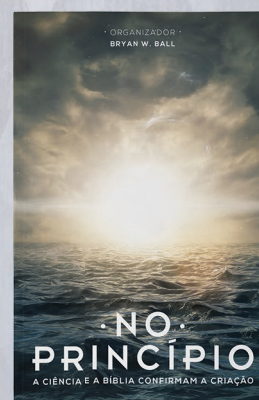
O que pode acontecer quando um adolescente viaja com o pai até o arquipélago de Galápagos, conhece o "amor de sua vida", faz amizade com um leão-marinho, visita lugares incríveis e mergulha com tartarugas e tubarões? Descubra lendo este livro.

JOVENS



Quem foi Ellen White? George Knight, ex-professor de História da Igreja no Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, responde essa pergunta neste livro. Ele ajuda o leitor a compreender e a apreciar a vida e o grande papel da mensageira de Deus para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

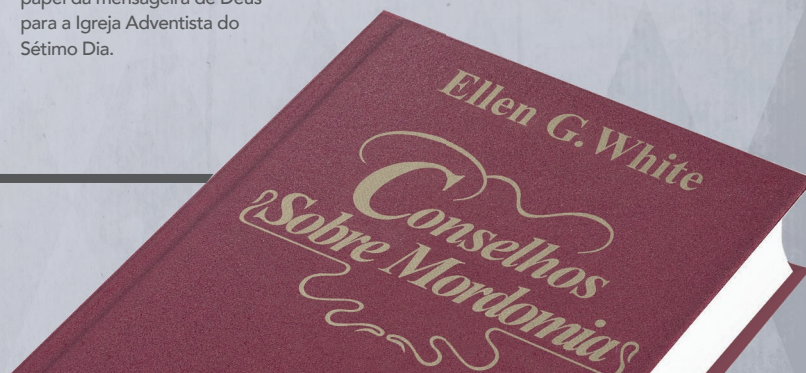
UNIVERSITÁRIOS



Este livro tem o objetivo de apresentar o que a Bíblia revela sobre a criação divina e o que a ciência de fato tem a dizer sobre o dilema das origens.

LIVRO DO ANO

Neste livro você encontrará princípios cristãos de administração financeira. Entenda os propósitos de Deus para sua vida e como você pode encontrar equilíbrio no uso de suas finanças.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora

Mais que informação

No início deste ano, as organizações Hootsuite e We are Social divulgaram o relatório 2018 Global Digital, que indicou dados significativos a respeito do status da internet ao redor do mundo. A pesquisa apontou que mais de 4 bilhões de pessoas navegam na web, sendo que 77,5% delas são usuárias de redes sociais e 72,5% utilizam dispositivos móveis para acessar suas redes sociais. Ainda de acordo com a pesquisa, na América do Sul, 68% da população têm acesso à internet, e esse número aumenta continuamente.

É impossível não considerar as possibilidades que a internet e as redes sociais oferecem para a proclamação do evangelho. Em pouco tempo, elas potencializaram em uma escala sem precedentes a capacidade de se propagar as boas-novas ao redor do mundo. Contudo, elas também criaram, para alguns, a sensação de que isso, por si só, é suficiente para cumprir a missão. Desse modo, é oportuno refletir acerca do papel que os meios de comunicação, especialmente a internet, devem exercer no desafio de anunciar o evangelho em nossos dias.

Em primeiro lugar, devemos estar cientes de que, no nível interpessoal, nos comunicamos o tempo todo e de várias maneiras. A comunicação não ocorre apenas quando pregamos em nossas igrejas, aconselhamos alguém ou postamos algo nas redes sociais. Nossa atitude ou indiferença no dia a dia e interação no ambiente virtual falam tanto quanto nossas palavras. Não existe não comunicação. Por isso, como cristãos precisamos considerar atentamente o fato de que somos cartas de Cristo, conhecidas e lidas por todas as pessoas, em todos os lugares, em todo tempo (2Co 3:2).

Isso nos leva a uma segunda consideração importante: as pessoas querem ver coerência entre nosso discurso e prática. A internet está repleta de excelentes materiais evangelísticos, que visam levar as pessoas a um contato pessoal com Cristo. São sermões inspiradores, documentários ricos em informações e estudos bíblicos bem elaborados. Contudo, se o comportamento que as pessoas identificam nos cristãos for divergente dos discursos virtuais, nossos esforços para propagar o evangelho inevitavelmente serão prejudicados.



A missão cristã não se resume a informar, mas alcança sua plenitude no transformar.”

Nesse sentido, mais do que coerência entre discurso e prática, é preciso entender que a maneira como nos relacionamos particularmente com as pessoas é que define como a mensagem cristã será assimilada por elas. Toda comunicação, além de seu conteúdo, carrega consigo um aspecto relacional. Se dissermos aos que visitam nossas igrejas que estamos felizes em tê-los conosco, mas não desenvolvermos amizade genuína com eles, nossas palavras bem-intencionadas cairão no vazio e, provavelmente, em pouco tempo, aqueles que nos visitam não voltarão mais.

Por fim, não podemos ignorar o fato de que a sequência de nossa comunicação é fundamental no processo de assimilação da mensagem que estamos proclamando. Por exemplo, uma pessoa teve experiências *positivas* com sermões na internet, que a levaram a pedir estudos bíblicos on-line. Ao ser atendida por instrutores bíblicos, teve novas experiências *positivas*. Entretanto, em sua primeira visita à igreja, passou por uma experiência *negativa*. Esse último contato pode comprometer todos os passos dados até então. Assim, quanto maior for a sequência positiva de comunicação, em diferentes plataformas, maior será a probabilidade de que a pessoa, com a ajuda da comunidade de fé, se aprofunde em sua caminhada com Deus.

Precisamos manter diante de nós a perspectiva adequada do papel que os esforços de comunicação nas redes sociais exercem no plano maior, que é o discipulado. A missão cristã não se resume a informar, mas alcança sua plenitude no transformar. Por isso, todas as iniciativas evangelísticas no ambiente virtual devem convergir para um único ponto: pessoas salvas em Cristo, incorporadas em Sua igreja e dispostas a comunicar as boas-novas de todas as maneiras possíveis, sobretudo, com sua própria vida. **TM**



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Do virtual ao real

Rafael Rossi

Como a Igreja Adventista tem usado a internet na evangelização

14 Culto nota dez

Fábio Bergamo

Dicas para proporcionar aos adoradores uma experiência agradável na igreja

18 Cibercultura e sociedade

Tales Tomaz

Reflexões sobre o uso da tecnologia na contemporaneidade

21 Questão de criatividade

André Vasconcelos

A obra proibida no sábado em Êxodo 31:14

24 Hora de mudança

Edimar Sena

Conselhos para que os ministros enfrentem com otimismo as transferências pastorais

28 A insistência de Deus

Erton Köhler

Lições de Cristo para pastores que desejam ser verdadeiros discípulos



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

31 Panorama

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



16



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 90 – Número 540 – Nov/Dez 2018
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico e Capa Levi Gruber

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Adolfo Suarez, Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; Arildo Souza; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efrain Choque; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Luis Velásquez; Ralides Nascimento; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 75,40
Exemplar Avulso: R\$ 15,50



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5972 / 38772

Juntos na missão

Em seu livro *Alone Together: Why we expect more from technology and less from each other*, a neurocientista Sherry Turkle faz uma afirmação contundente: “No mundo virtual, as relações são menos profundas e até ilusórias, e as múltiplas amizades das redes sociais são, na verdade, uma redução da amizade.” Além de ressaltar as superficialidades das redes, ela também considera que nossa intimidade, no que se refere a amizades, também está em crise, concluindo que “estamos confusos sobre intimidade e solidão”.

Vivemos em uma época de muito acesso a informações, de mensagens e vídeos compartilhados a todo momento, de curtidas e interação virtual, mas como cristãos não devemos deixar de lado o contato caloroso, amigo e pessoal. Isso é possível com sensibilidade e interesse genuíno pelo bem-estar daqueles que nos cercam.

Na Bíblia, há vários relatos de pessoas que foram instrumentos de bênçãos para apoiar outros em ocasiões nada favoráveis. Por exemplo, Moisés motivou Josué diante de seus novos desafios (Js 1); Jônatas protegeu Davi da ira de Saul (1Sm 18); Rute se comprometeu inteiramente com Noemi depois das grandes perdas que passaram juntas (Rt 1:16-18); Daniel orou com seus amigos diante das ameaças de Nabucodonosor (Dn 2:17, 18) e Paulo foi fortalecido por Epafrodito enquanto estava preso em Roma (Fp 2:25).

Essas histórias ilustram a importância do apoio mútuo em meio às lutas que enfrentamos na vida. Como ministros, precisamos cuidar uns dos outros, ser sensíveis às lutas familiares, emocionais e espirituais de nossos companheiros de jornada e nos apoiar de tal maneira que, por meio de nós, outros colegas se sintam fortalecidos para cumprir seu chamado.

Quando Jesus enviou os discípulos em duplas, Ele o fez pensando nisso. Ellen White, ao comentar esse fato,

“

Como ministros, precisamos cuidar uns dos outros, ser sensíveis às lutas familiares, emocionais e espirituais de nossos companheiros de jornada.”

fez uma observação interessante: “Chamando os doze para junto de Si, Jesus ordenou-lhes que fossem dois a dois pelas cidades e aldeias. Nenhum foi mandado sozinho, mas irmão em companhia de irmão, amigo ao lado de amigo. Assim se poderiam auxiliar e animar mutuamente, aconselhando-se entre si, e orando um com o outro, a força de um suprimindo a fraqueza do outro” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 350).

Em outra ocasião, ela afirmou: “Nunca foi o propósito de Deus que, como regra, Seus servos saíssem sozinhos ao campo de trabalho. Para ilustrar: Eis aqui dois irmãos. Não têm o mesmo temperamento; suas ideias não são as mesmas. Um fica em perigo de fazer em demasia; o outro deixa de assumir as responsabilidades que devia. Se ambos se associarem, essas qualidades podem ter uma influência moldadora sobre cada um deles, de maneira que os extremos de seus predicados não se salientariam tanto em sua obra. Não seria preciso que ambos estivessem juntos em cada reunião; mas poderiam trabalhar em lugares quinze, vinte e cinco ou mesmo cinquenta quilômetros distantes um do outro – mas bastante perto, não obstante, para que se um enfrentasse crise em seu trabalho, pudesse pedir ajuda do outro. Também deviam juntar-se, tão frequentemente quanto possível, para oração e consulta” (*Evangelismo*, p. 73).

Juntos, apoiando-nos uns aos outros, cumprimos nossa missão e estaremos aptos a ver a manifestação da bem-aventurada esperança: a segunda vinda de Jesus! **M**



Lucas Alves, mestre em Liderança, é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação DSA

Comunicação eficaz

“Não devemos transformar as igrejas em estúdios de TV, mas precisamos conscientizar nossas congregações de que somos a extensão física da igreja da TV, da internet e do rádio, assim como esses meios são nossa imagem e voz onde não podemos alcançar.”

por Wellington Barbosa

A Igreja Adventista valoriza, desde seus primórdios, a importância da comunicação para o cumprimento de sua missão. Isso fica evidente quando se observa o quanto a denominação já investiu em estratégias que incluem a produção de literatura, programas de rádio e TV e sites evangelísticos. Entretanto, esses esforços visam não somente conscientizar as pessoas, mas conduzi-las a um relacionamento salvífico com Jesus, que se expressa por meio da adesão delas ao corpo visível de Cristo, Sua igreja. Como estreitar as iniciativas corporativas à prática da igreja local? Nesta entrevista, o publicitário Luis Henrique dos Santos compartilha algumas ideias sobre esse tema.

Nascido em São Paulo, Luís Henrique cresceu em um ambiente cristão. Seus pais foram professores do Instituto Adventista São Paulo, atual Unasp, *campus* Hortolândia, onde ele fez a Educação Básica. Em 1997, começou a cursar Publicidade na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Posteriormente, fez especializações em comunicação digital (Universidade de São Paulo), docência para o Ensino Superior (Unasp), gestão estratégica de mercados, comunicação corporativa e gerenciamento de crises (ambas na Fundação Getúlio Vargas) e negócios internacionais (Universidade da Califórnia). Além das especializações, é mestre em Comunicação pela ESPM.

Atualmente é sócio-diretor da Synergic Comunicação Corporativa, agência que atende clientes multinacionais e diversas instituições adventistas. Além disso, é coordenador do curso de Comunicação Social do Unasp, *campus* Hortolândia, e coordenador das especializações em Liderança para o Ministério de Publicações, Comunicação Denominacional e Estudo das Novas Gerações, promovidas pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista.

Como membro da igreja do Unasp, foi diácono, diretor de Desbravadores, professor de Escola Sabatina dos Primários, Adolescentes e Jovens e diretor de comunicação. Nos últimos anos foi seu primeiro ancião.

Desde 2000 é casado com Gláucia, com quem tem dois filhos, Eduardo, de 13 anos, e Felipe, de 8 anos.



Michele Marques Cardnot

Como você avalia o uso que as igrejas locais fazem das ferramentas de comunicação?

Desde seu início, faz parte da cultura da Igreja Adventista o envolvimento voluntário dos membros. Isso não se aplica somente às atividades missionárias diretas, mas a todas as áreas de trabalho que a igreja promove. Assim, a comunicação, entre outras atividades da igreja local, na maioria das vezes é executada por voluntários que têm afinidade com o tema, mas não necessariamente formação profissional. Isso não é um problema, se a igreja souber promover as melhores oportunidades de crescimento e cuidar das vulnerabilidades decorrentes da falta de experiência profissional.

Entendida, portanto, na igreja, como uma atividade voluntária, podemos separá-la em dois ramos: a comunicação com os membros e a comunicação com o público externo.

Sobre a comunicação interna, vejo que as pessoas estão mais conscientes de que os anúncios públicos são cada vez mais insuficientes, pouco eficazes e tomam tempo que, hoje, é o ativo mais importante em

nossa sociedade. Isso faz com que novas alternativas de comunicação, em grupos específicos, sejam cada vez mais usadas. Essa segmentação de públicos está completamente alinhada com o que há de mais eficiente na comunicação profissional.

Sobre a comunicação externa, a maior parte das ações referentes a programações oficiais da Igreja Adventista, como o *Impacto Esperança*, já vem pronta das Uniões ou mesmo da Divisão, cabendo à igreja local tornar as peças eficazes ao distribuí-las na comunidade local. Vejo que as congregações têm se esforçado em fazer um bom papel, executando com dedicação as estratégias que são propostas nessas ocasiões e que não teriam resultado se não fosse pelas pessoas.

Mas há ainda uma outra parte da comunicação com o público externo, de iniciativa local. Aqui há uma característica que deve ter nossa atenção: qualquer pessoa pode produzir conteúdos e publicá-los. Antes, todas as ações comunicacionais precisavam do apoio do ministério da comunicação. Hoje, porém, qualquer ministério cria suas próprias comunidades, tem seus próprios perfis em redes sociais, suas próprias listas de distribuição e, às vezes, até identidades visuais próprias. Há um aspecto maravilhoso nisso, que encanta um profissional de comunicação. Contudo, essa liberdade é motivo de atenção ininterrupta, porque se tornou impossível ter controle absoluto dos conteúdos que saem em nome da igreja.

Numa visão geral, há pontos para os quais devemos nos atentar, mas a igreja local, por meio de seus membros, vem ampliando cada vez mais a eficiência da comunicação adventista.

De que maneira a comunicação pode contribuir para promover maior engajamento dos membros na missão da igreja?

Alvin Toffler propôs um neologismo para uma das funções das pessoas na sociedade pós-moderna: *prosumidores*. Ou seja, as

pessoas são, ao mesmo tempo, produtoras e consumidoras de informação, produtos, serviços e ideias. Curiosamente, Tiago, há quase 2 mil anos, disse que não podemos ser apenas ouvintes, mas praticantes do evangelho de Cristo (Tg 1:22).

As ferramentas de comunicação da pós-modernidade, afinadas para os *prosumidores*, permitem que qualquer pessoa na igreja que goste de falar, escrever ou que tenha uma história de vida para contar lance mão delas facilmente e se torne um evangelista em potencial, mesmo que seja para um pequeno grupo de amigos nas redes sociais.

Por outro lado, mesmo aqueles que não produzem conteúdos para divulgação em redes sociais, cada vez que se empenham em uma parte presencial de uma estratégia global de comunicação, passam a estar envolvidos nesse processo. Os convites feitos pela TV Novo Tempo para pessoas visitarem as igrejas, por exemplo, somente são finalizados quando os convidados chegam e são recebidos pelos membros. Cada membro que recebe um visitante passa a ser um elemento importante nesse fenômeno de comunicação. Nesse aspecto, todos nós somos parte dos esforços comunicacionais que a Igreja Adventista vem promovendo com crescente relevância.

Quais habilidades devem ser desenvolvidas em uma equipe de comunicação local?

Gostaria de destacar quatro habilidades essenciais. Em primeiro lugar, *espírito de serviço*. A comunicação na igreja sempre será sobre o trabalho dos outros. É da natureza da comunicação ser uma atividade de suporte, e isso é completamente alinhado ao espírito de serviço que Cristo nos convida a adotar.

Além disso, menciono o *aprendizado ininterrupto*. Com a velocidade do surgimento de novas tecnologias e ferramentas, quem trabalha com comunicação tem que gostar de estudar, de se atualizar e se manter informado.

Na sequência, é preciso ter *organização*. Nenhuma atividade de comunicação é de realização imediata. Ela é a materialização de um processo de planejamento, apuração, construção criativa, distribuição de tarefas, revisões, etc. Sem organização, esse processo todo se desestrutura, e o resultado é uma comunicação confusa.

Por fim, *espírito de missão*. A comunicação na igreja precisa resultar, sempre, em pessoas mais próximas de Cristo. É muito gratificante ter um bom material impresso de sua autoria, receber elogios por uma boa apresentação, mas nada pode ser mais importante do que colocar a comunicação a serviço da missão. Ellen White declarou que os esforços da igreja deveriam ter um único propósito ao qual todos os demais deveriam ser subordinados: evangelismo. Isso também vale para a comunicação.

Todas as demais capacidades podem ser desenvolvidas, emprestadas, terceirizadas ou substituídas. Mas sem essas quatro habilidades, uma equipe de comunicação local estará incompleta.

Que cuidados a igreja deve ter para ajudar as pessoas alcançadas pelos meios de comunicação a se integrar em uma congregação local?

Atualmente esse é um dos temas mais sensíveis para a Igreja Adventista. O sucesso e alcance da TV Novo Tempo e dos produtos de internet como os sites dos programas da TV, filmes e séries, ajudaram a criar uma imagem da igreja que não existia antes para a maioria das pessoas. Hoje, nossa imagem é formada para milhões de pessoas pelos melhores apresentadores, por programas planejados e produzidos especialmente para cada tipo de público, que chegam a essas pessoas que estão no conforto de suas casas, assistindo à programação quando lhes convém, num ambiente em que se sentem motivadas e seguras. Quando essas pessoas, tocadas pelo Espírito Santo, aceitam o convite para, pela primeira vez, ir a uma congregação local, que impacto

elas têm ao confrontar a promessa que foi feita pela TV com a realidade do contato pessoal?

Nós, da igreja local, somos a concretização ou não da promessa feita para essas pessoas de que serão bem recebidas, aceitas, que terão contato com o mesmo conteúdo e a mesma mensagem que elas veem na TV. Pela experiência, podemos confirmar que há dificuldades de integração, porque a entrega é muito diferente da expectativa.

Obviamente não devemos transformar as igrejas em estúdios de TV, mas precisamos conscientizar nossas congregações de que somos a extensão física da igreja da TV, da internet e do rádio, assim como esses meios são nossa imagem e voz onde não podemos alcançar. Como Paulo diz, são membros com funções distintas, mas formando apenas um corpo, tendo Cristo como cabeça.

Entendo que um passo muito simples para diminuir a barreira de integração é compartilhar claramente essa situação com a congregação. Também explicitar quais seriam as expectativas de um visitante a partir de tudo que ele possa ter ouvido na mídia adventista a respeito da igreja. Finalmente, se de modo deliberado e claro propuséssemos ideias ajustadas para que a igreja se preparasse para receber os novos membros oriundos da experiência midiática, a integração seria mais fácil.

Conforme a sociedade se torna mais midiaticizada, quais dificuldades tendem a desafiar a igreja? Como superar esses obstáculos?

Destacaria como maiores dificuldades para a igreja nessa sociedade midiaticizada ao extremo: (1) a secularização de temas que se afastam cada vez mais do ideal cristão, como o modelo de família, por

exemplo; (2) a necessidade de uma “espetacularização” vazia da experiência religiosa, já que o que se assiste, o que se ouve e o que se vê estão em níveis cada vez mais complexos de produção (apesar de não haver nada de errado em produzirmos nossos programas em padrões de qualidade cada vez mais altos; trato aqui do espetáculo pelo entretenimento autoindulgente, dirigido a atender ao gosto pessoal); e (3) a impressão enganosa de que o conteúdo religioso consumido em profusão na mídia seja suficiente para uma experiência cristã genuína e completa, ocultando a importância do convívio em uma comunidade de fé e da interação interpessoal.

desde pequenos, nos acostumar com a ideia de que Ele é a única resposta definitiva para os desafios espirituais.

Qual deve ser o papel do pastor na formação de uma igreja que se comunica de modo eficaz interna e externamente?

O pastor é o grande incentivador para que os recursos de comunicação e as oportunidades de trabalho com a mídia sejam aproveitados em todos os aspectos, e de maneira equilibrada e responsável. É dele a chance de identificar talentos para a comunicação e motivá-los a dedicar seu dom à missão, por


O pastor é o grande incentivador para que os recursos de comunicação e as oportunidades de trabalho com a mídia sejam aproveitados em todos os aspectos, e de maneira equilibrada e responsável.

Não entendo que seja possível um contra-ataque maciço a essa onda sociológica. É o espírito do nosso tempo, não apenas uma agenda de um ou outro grupo de mídia.

Devemos, no entanto, como igreja, falar abertamente aos nossos membros sobre esses riscos, promovendo uma efetiva educação crítica e, em especial, incentivar ininterruptamente o relacionamento direto, pessoal e cada vez mais próximo com Cristo. Seu Espírito dá discernimento, serenidade e convicção moral para fazer escolhas. Todos nós deveríamos,

meio de trabalho voluntário e capacitação constante.

O pastor não deve ser um censor, mas um conselheiro de sua equipe de comunicação, lembrando-a constantemente de sua missão e recompensa. Agindo assim, não haverá preocupações com o conteúdo, pois o equilíbrio será natural, não imposto.

Finalmente, o pastor deve fomentar um ambiente de respeito mútuo e valorização das iniciativas de comunicação que tenham por objetivo melhorar relacionamentos, aproximar pessoas umas das outras e todas de Deus. 

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Do virtual ao real



**Estratégias da Igreja
Adventista para a
evangelização na
internet**

A comunicação digital se tornou a espinha dorsal da vida moderna, materializando-se em uma sociedade que se mostra cada vez mais integrada. O impacto é perceptível naturalmente, ainda mais quando consideramos as novas gerações, que estão crescendo nesse mundo globalizado. A simplicidade e a praticidade do uso do telefone celular permeiam os relacionamentos, o tempo e a administração da vida pessoal e profissional, facilitam o acesso a um volume incalculável de informações e distrações, mudam a formação acadêmica e a forma de se consumir entretenimento.

Alguns pensadores da comunicação preveem que, em um futuro próximo, mais mudanças virão dentro de um processo de desenvolvimento de novas ferramentas. “Uma vez que a comunicação eficiente é uma característica fundamental da raça humana, a transformação da comunicação afeta todos os níveis da vida e, talvez, leve a mudanças em nossas conexões cerebrais com o tempo.”¹¹

A tecnologia, e como as redes de comunicação são geridas e administradas pessoalmente, moldam o processo de mobilização e, conseqüentemente, o de mudança social, tanto como processo quanto como resultado. A ascensão das redes de comunicação digital como forma principal de interação humana cria uma nova estrutura social, no centro da composição da sociedade em rede, na qual os movimentos sociais do século 21 estão sendo formados.

Impacto social

Em 2008, com a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, muitos especialistas em tecnologia apontaram que seu grande trunfo foi a maneira com que ele conseguiu atrair eleitores jovens, pois soube como conquistá-los e engajá-los em sua campanha. Seu sucesso, bem como o uso da comunicação digital durante seus oito anos de mandato, se tornaram objeto de vários estudos.

“A transformação mais importante na comunicação nos últimos anos foi a transição dos meios de massa para a intercomunicação individual, que é um processo de comunicação interativa que também tem um potencial para alcançar uma audiência massiva, mas na qual a produção da mensagem é autogerada, a recuperação da mensagem é autodirigida, a recepção e a recombinação do conteúdo oriundo das redes de comunicação eletrônicas são autosselecionadas.”¹²

O próprio Obama explicou o uso estratégico da comunicação nesse momento de virada: “A tecnologia e as redes sociais permitem hoje gerir uma campanha presidencial da mesma forma que eu geri a minha primeira eleição, para o comitê da escola, há 20 anos, que é bairro a bairro, falando com alguém aqui, pedindo a alguém que fale com um amigo acolá. Isso vai mudar, para sempre, a forma com que as campanhas são feitas.”¹³

Necessidade de adaptação

Conforme a internet se expande para se tornar o principal meio de comunicação da era digital, ocorre um fenômeno em que os meios convencionais também se moldam às plataformas móveis de comunicação.

A tecnologia das redes digitais permite que pessoas e organizações gerem seu próprio conteúdo e alcancem públicos específicos. Isso não significa substituição de mídias, mas uma acomodação que abre novos mercados, especialmente com as novas gerações. Assim, redes horizontais e formas tradicionais de comunicação linear, como a televisão, o rádio e a mídia impressa, estão cada vez mais misturadas, formando um sistema de comunicação híbrido que usa a flexibilidade da tecnologia para distribuir e entregar seu conteúdo ao maior número de pessoas.

Além disso, as possibilidades também se multiplicaram com o avanço e a popularização da comunicação digital móvel. A principal característica dessa comunicação sem fio não é apenas a mobilidade, mas a conectividade contínua, por meio da promoção de planos de conexão baratos que expandem o acesso às informações nos meios digitais.

Diante dos avanços tecnológicos, das alterações de comportamento e das mudanças dos meios de comunicação, a Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul tem procurado se adaptar aos novos tempos para aproveitar ao máximo as oportunidades de evangelização que surgem. Isso não tem que ver somente com as novas ferramentas, mas lida também com novos padrões de conduta advindos das novas tecnologias.

Rede de pessoas

A internet não pode ser vista apenas como uma rede de computadores, pois ela é muito mais do que isso. É uma rede de pessoas que usam os computadores, celulares ou *tablets* para se comunicarem umas com as outras. Por trás de cada dispositivo existe uma pessoa, e é com ela que buscamos contato, porque o alvo da igreja é

a pregação do evangelho a toda tribo, nação, língua e povo. Devemos estar onde as pessoas estão. Na comunicação digital, precisamos de uma estratégia definida e ações claras de acordo com a necessidade do usuário, para estabelecer vínculo entre as pessoas e a mensagem bíblica.

Por isso, a Igreja Adventista tem trabalhado diretamente com o atendimento às pessoas nas redes de comunicação digital em todas as plataformas, abrindo-se para o diálogo, oferecendo oração intercessora, estudos bíblicos, respostas às dúvidas bíblicas e aconselhamento dentro de um processo para criar uma experiência positiva. Assim, cada usuário tem suas necessidades pessoais e espirituais atendidas.

Números interessantes

Os números justificam a necessidade de um atendimento digital especializado. Em primeiro lugar, porque a Igreja Adventista, por meio de todas as suas instituições, possui mais de 15 milhões de seguidores no Facebook e, no último ano, teve um aumento de 44% no número de seguidores no Instagram e de 75% no YouTube.

Além disso, a cada ano a igreja tem aumentado o número de iniciativas digitais (sites, aplicativos, redes sociais, etc.), despertando um grande número de interessados em saber mais sobre a mensagem bíblica. Entre eles se encontram ex-adventistas e pessoas simpáticas à igreja, que

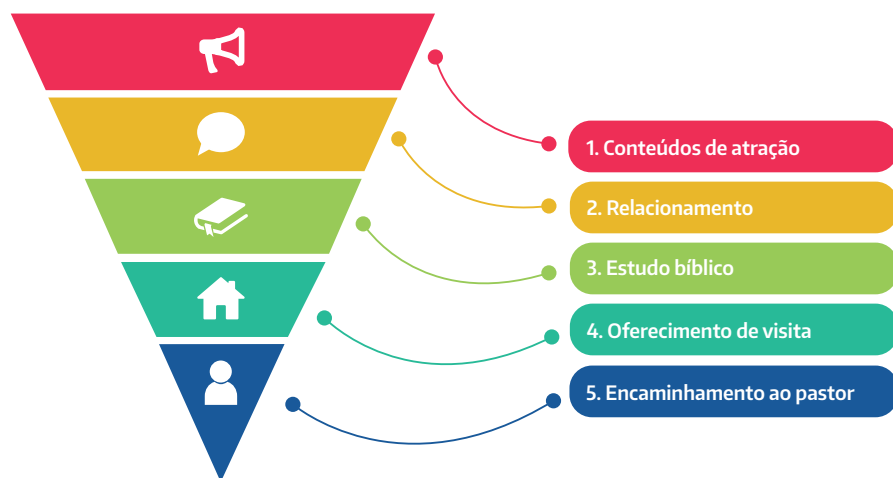
ainda não se sentem confortáveis em procurar uma congregação local.

Por fim, a expansão do acesso à internet demonstra o tamanho do campo missionário virtual que temos diante de nós. Atualmente 51% da população mundial tem acesso à rede. No Brasil, cerca de 65% da população se comunica por WhatsApp, o que resulta em aproximadamente 120 milhões de usuários. É por meio dessa plataforma que a Igreja Adventista está entregando conteúdos missionários e, assim, ampliando o contato com as pessoas. As vantagens da interação são muitas, mas entre elas, as principais são:

Foco nas necessidades do internauta e segmentação de conteúdo. Utilizamos abordagens distintas para responder a cada tipo de público. Essas iniciativas são semanalmente disponibilizadas por meio de *lives* via Facebook (<https://www.facebook.com/adventistasbrasiloficial>), YouTube e Instagram ou pelo portal de vídeos Feliz 7 Play (www.feliz7play.com), onde estão disponíveis séries, músicas, sermões e filmes com conteúdo cristão para crianças, jovens e adultos.

Relacionamento individualizado e de longo prazo. Mantemos contato com as pessoas semanalmente e enviamos conteúdos relacionados a profecias, família, saúde, estudos bíblicos, aconselhamento e crescimento espiritual. Isso é feito por uma equipe de profissionais.

Nutrição constante e automática. Por meio de um robô, a Esperança, enviamos



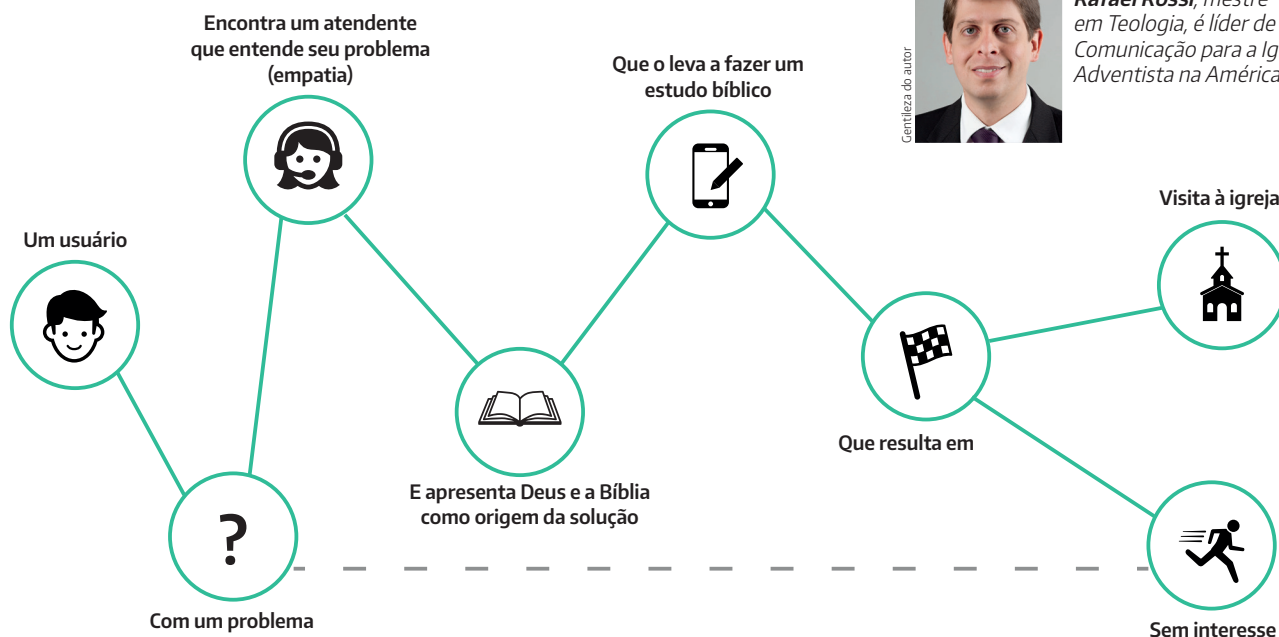
conteúdos relevantes de maneira automatizada, atendendo o usuário mediante inteligência artificial e guiando-o aos materiais de seu maior interesse, no momento que ele precisar ou quiser.

Atendimento missionário

O fluxo que está sendo seguido pelos canais digitais da Igreja Adventista é ilustrado com o funil na página ao lado.

O processo tem início com a produção de conteúdos que captam a atenção de um número considerável de pessoas. Cada material publicado ou transmitido visa à interação intencional para abrir um canal de diálogo, que leva para o segundo passo: o relacionamento. Ao estreitar o relacionamento, sugere-se a participação em um estudo bíblico e, na sequência, um atendimento pessoal por alguém designado pela igreja mais próxima do internauta. Desse modo, o final do processo ocorre quando a pessoa é acolhida por uma das nossas igrejas, de tal maneira que o relacionamento digital se torne uma relação presencial.

O mapa a seguir ilustra esse fluxo de atendimento:



Perspectivas futuras

O que tudo isso nos possibilita? Por que a Igreja Adventista continuará investindo nessa estratégia? Alguns pontos justificam as iniciativas da igreja até aqui.

Personalização. A personalização trata a pessoa como única diante da sua necessidade presente. Desse modo, espera-se que o usuário alcançado consiga suprir suas dúvidas, solicitar esclarecimentos ou mesmo encontrar mais conteúdos que abordem o mesmo tema.

Atendimento. O usuário é atendido na plataforma a que está acostumado, ou seja, sem a necessidade de que mude para outra plataforma virtual.

Conhecimento. O conteúdo é estrategicamente produzido de acordo com as perguntas feitas pelos usuários.

Relacionamento. A amizade com o usuário tem por objetivo levá-lo a enxergar na igreja um ponto de apoio e auxílio perene, além de sua necessidade imediata.

Rapidez. Pode-se atender a pessoa no momento de sua disponibilidade ou quando surgir a necessidade.

Automação. Por meio da inteligência artificial, é possível enviar sistematicamente

estudos bíblicos e outros materiais, de acordo com a publicação de novos conteúdos nos canais oficiais.

Convergência. Como não existem barreiras geográficas no mundo digital, iniciativas evangelísticas de qualquer região são potencializadas para alcançar pessoas que estão nas redes, não importando onde vivam.

O futuro é agora, e novas iniciativas são confirmadas pela voz profética. Ellen White escreveu: "Alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram usados no passado; mas não permitamos que ninguém, por causa disso, ponha obstáculos no caminho mediante a crítica."⁴ Assim, a Igreja Adventista avança com segurança, fazendo da revolução digital uma oportunidade para revolucionar a pregação do evangelho. **M**

Referências

¹ Manuel Castells, *O Poder da Comunicação* (São Paulo: Paz e Terra, 2013), p. 35.

² *Ibid.*, p. 29.

³ Alexandre Soares, "Números e Tecnologia: O segredo da vitória de Obama". Disponível em <<https://veja.abril.com.br/mundo/numeros-e-tecnologia-o-segredo-da-vitoria-de-obama/>>.

⁴ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 105.



Gentileza do autor

Rafael Rossi, mestre em Teologia, é líder de Comunicação para a Igreja Adventista na América do Sul

Culto nota dez

Fábio Bergamo

Como proporcionar aos adoradores uma experiência positiva na igreja



Imagine a seguinte situação: sábado pela manhã, perto das 9 horas, enquanto os líderes ajustam os últimos detalhes da programação, aproxima-se um casal. “Esta é a igreja da TV Novo Tempo?”, perguntam. E completam indicando que apreciam a programação e aprendem muito com as diversas pregações a que assistem pela televisão e internet.

Isso tem acontecido com frequência na América do Sul. Muitas pessoas têm sido atraídas a congregações adventistas em dias de culto, principalmente aos sábados. Por mais que se tenha um bom ministério de recepção, as observações referentes à qualidade do sermão, organização da Escola Sabatina, irreverência dos membros, barulho durante a programação, falta de conforto do ambiente, entre outras questões, começam a assombrar os líderes quando estes recebem os convidados, especialmente aqueles que não conhecem a experiência de culto da igreja.

O tema da experiência na igreja, no momento da adoração, é um importante complemento à própria experiência pessoal de cada membro. O Novo Testamento trata desse assunto de forma recorrente, como demonstram as exortações de Paulo em algumas de suas epístolas, sobre pontos essencialmente doxológicos ou relacionados à convivência cristã. Esse também foi um tema importante nos escritos de Ellen White, pioneira da Igreja Adventista. No início do movimento, os membros vinham das mais variadas denominações, cada uma com sua ideia de adoração e organização, e precisavam de uma referência quanto a prestar um culto racional, organizado, reverente e que atingisse os objetivos reais de adoração a Deus.

A importância da experiência

Em 1992, Gerhard Schulze alertou para a mudança do jeito como a sociedade moderna estava se portando ante as relações humanas, de consumo, profissionais, entre outras. Ele cunhou o termo

erlebnisgesellschaft, ou sociedade da experiência vivida,¹ para indicar uma espécie de supremacia da satisfação imediata com a experiência vivida (ou das vivências que os indivíduos experimentam), nas suas decisões e percepções cotidianas, sendo este um ponto importante na forma da estruturação da sociedade moderna. Desde então, diversos cientistas e pesquisadores passaram a estudar esse fenômeno, que tem influenciado decisões nos mais variados âmbitos da vida.

As bases para o melhor entendimento da sociedade experiencial² devem ser entendidas a partir das seguintes proposições:

a) *A customização em massa é o caminho.* O público pequeno, individualizado, é o grande foco da sociedade da experiência. A individualização dos resultados é um mote importante. Mesmo que em ações públicas, voltadas a uma comunidade ou público específico, a satisfação individual deve ser considerada.

b) *As atividades são “teatrais”.* A expressão “teatral” não deve ser confundida com espaço de performance voltado à dissimulação. Quando se fala em aspecto teatral, alude-se à roteirização, ao foco na beleza e nos papéis bem definidos dos indivíduos, para um público que valoriza “assistir” a algo bem organizado e estruturado.

c) *Autenticidade como a nova métrica de sensibilidade.* As pessoas naturalmente consideram duas perguntas diante de uma experiência: (1) o que está sendo apresentado é real e verdadeiro? (2) o que está sendo oferecido realmente é o que diz ser?

d) *Experiência como foco.* Para a “venda” de algum produto, o foco é substituído. Sai aquilo “que o produto faz”, e entra “a experiência ao redor do que o produto faz”.

e) *Retirada da carga do público.* Se antes o bolo de aniversário – símbolo importante da celebração – era feito pela mãe da criança, hoje os pais preferem contratar um local específico de eventos e fazer com que a festa tenha uma experiência muito mais completa.

A gestão da experiência ganhou robustez teórica e prática dentro dos estudos de administração e marketing. A preocupação em entender como se processa a experiência de uma pessoa em seu contato com uma empresa/produto/serviço/loja, e como ela reage a essa experiência, tem sido tema de estudos cada vez mais profundos de sociologia, psicologia e antropologia de consumo. Seu foco é compreender como esse conceito pode ser mais bem decodificado pelas marcas, a fim de que o mais importante recurso de uma pessoa seja despendido para com elas: a atenção. De fato, a atenção plena do indivíduo é o aspecto mais importante da sociedade experiencial. Saber como captá-la é uma ciência baseada na experiência desse mesmo indivíduo.³

Nesse caldeirão de novos conceitos sociológicos, encontra-se a religião. Em sua definição tradicional, o papel da ida ao templo é preponderante para a própria sobrevivência das denominações. Assim, surgem os questionamentos ligados a como a Igreja Adventista se posiciona diante dessa sociedade baseada na busca pela atenção dos indivíduos e na construção de experiências marcantes.

Experiência positiva na igreja

Imagine que o casal de visitantes mencionado no início deste artigo não tenha se sentido bem no culto de que participaram naquela manhã. Nesse caso, provavelmente eles passaram a fazer parte de uma estatística bastante preocupante: 91% daqueles que têm uma experiência ruim simplesmente vão embora e não voltam mais.⁴ Além disso, aqueles que têm uma experiência negativa espalham suas percepções para, em média, 16 pessoas de seu círculo próximo de amizades.⁵

Dados como esses mostram que a questão da experiência também deve ser levada em consideração quando se trata da organização do culto. Mas o que seria uma experiência positiva completa para a igreja e suas programações?

Em primeiro lugar, é importante ter em mente que “todo coração iluminado pela graça de Deus é constrangido a prostrar-se com inexprimível gratidão e adoração perante o Redentor, pelo Seu sacrifício infinito”.⁶ Ou seja, a experiência deve ter como base a adoração, como resultado direto da gratidão do ser humano pelo sacrifício de Cristo em nosso favor. Esse deve ser o mote de todo evento a ser realizado na igreja. Ao se colocar esse objetivo à frente, o contexto de qualquer programação será bem definido, e a reverência com alegria será um resultado natural. Pode-se partir para a construção de uma experiência positiva, que sirva de base para que a adoração seja plena, agradável e racional.

Ambiente físico

Nenhuma experiência será 100% positiva se não tiver um ambiente físico favorável. Um espaço atraente, bonito, limpo e confortável facilitará a adoração. Tudo começa com a fachada e a área externa do templo. Deve ser bonita, bem apresentável e atrativa. O ditado popular “a primeira impressão é a que fica” é uma verdade absoluta, em se tratando de experiência. Por isso, valorize o visual externo, considerando aspectos como pintura, design, logotipo, limpeza, iluminação ou jardins.

O papel da equipe de recepção também é importante. Na maioria das vezes, o primeiro contato, também conhecido como momento da verdade,⁷ é realizado por esse valoroso grupo. A empatia, hospitalidade, assertividade e a vontade de atender bem devem ser o foco do trabalho dos recepcionistas, indo além de um mero cumprimento. Eles devem ciceronear os convidados, bem como zelar para que o público em geral se acomode e participe do culto de forma satisfatória.

A área interna da igreja (nave, salas e instalações auxiliares) deve ser sempre visitada, a fim de verificar como andam sua limpeza e manutenção preventiva. O espaço interno deve ter assentos confortáveis e

bem distribuídos e climatização adequada. Esses elementos favorecem a qualidade do culto e, por consequência, a reverência dos membros.

Dinâmica do culto

Após o membro ou convidado se sentir bem recebido e estar instalado de maneira confortável, ele volta completamente suas atenções ao culto. O objetivo final da programação deve ser uma experiência de adoração plena, e quando o programa tem problemas não consegue alcançar esse propósito.

O primeiro ponto a ser observado é o fluxo. Esse elemento é o mais importante para a experiência do público. O *como* a programação flui vai além dos componentes funcionais, da liturgia em si. Portanto, deve-se considerar alguns itens:

a) *Organização*. Nada pior do que uma programação sem roteiro. O roteiro deve ser intuitivo. Que cada participação aconteça de forma orgânica, que faça sentido às pessoas, sejam elas participantes ou não daquele momento.

b) *Lacunas*. Uma experiência marcante não pode ter lacunas. O vazio que é sentido em um programa no qual não se sabe o que está acontecendo é prejudicial à experiência.

c) *Pontualidade*. “As reuniões de conferências e oração não devem se tornar tediosas. Todos devem estar prontos, se possível, na hora indicada; e se há retardatários, que estejam atrasados meia hora, ou mesmo quinze minutos, não se deve esperar por eles. Se houver apenas dois presentes, podem reivindicar a promessa. A reunião deve ser iniciada na hora marcada, se possível, estejam presentes muitos ou poucos.”⁸

d) *Mensagem*. Os pregadores devem ser escolhidos com zelo e critério. Ellen White observou: “Não cansem jamais os ouvintes com sermões longos. Isso não é sábio. Durante muitos anos estive empenhada nesse assunto, tratando de que nossos irmãos preguem menos e

dediquem seu tempo e energia para simplificar os pontos importantes da verdade, pois todo ponto será motivo de ataque de nossos oponentes. Todos quantos estejam relacionados com a obra devem manter ideias novas; [...] e com tato e previsão façam todo o possível para interessar os seus ouvintes.”⁹ Portanto, a mensagem deve ser cristocêntrica, relevante e bíblica; porém simples, de fácil interpretação. Se assim não for, não trará uma experiência significativa ao público.

e) *Música*. A música não deve ser um fim em si mesmo no momento do culto, pois também é uma forma de adoração. Às vezes, no afã de valorizá-la, o programa fica extenso e pode perder o sentido. A música deve ser utilizada com parcimônia, de forma competente e estimulando a participação da audiência.

Os momentos do culto devem ser “sagrados e preciosos”.¹⁰ Eles não devem ser tediosos, longos e desinteressantes, repletos de conteúdos que dispersam a mente das pessoas da mensagem de salvação e da “própria atmosfera do Céu”.¹¹ Essa atmosfera deve imperar na melhor experiência de culto.

A experiência individual

Não se pode negligenciar o papel das pessoas numa experiência marcante. Já foi mencionada neste artigo a importância da equipe de recepcionistas. Mas a recepção não pode ser realizada apenas da porta para fora. De fato, é dentro das dependências da igreja que a experiência se desenvolve e precisa ser acompanhada. Todos devem entender que receber bem e auxiliar os participantes são pontos indispensáveis para uma experiência plena. Observe os seguintes elementos:

a) A reverência é um importante fator para uma boa experiência na igreja. Um auditório que tenha excesso de conversas e distrações promovidas pelas pessoas impacta negativamente a experiência dos adoradores. A congregação

deve ser constantemente orientada sobre esse tema.

b) Pessoas agradáveis refletem um ambiente agradável. Todo cristão deve saber que seu comportamento influencia a adoração de outras pessoas, principalmente dos convidados. Mostrar-se amável, empático e preocupado com o bem-estar dos outros é essencial para que as pessoas se sintam motivadas a estar na igreja.

c) A congregação deve demonstrar um real senso de comunidade. Os membros devem ser unidos e focados no propósito principal da igreja na Terra: levar a mensagem de salvação, sendo "sal" onde estiverem. Isso faz com que a experiência individual seja ainda mais positiva, e a vontade de participar da igreja seja maior.

A comunicação da igreja

É comum surgirem questionamentos quando uma abordagem centrada na experiência começa a ser pensada ou é constituída. O principal deles é: de quem é a responsabilidade sobre o tema?

O pastor é o primeiro elo dessa corrente. Cabe a ele dar as diretrizes para uma boa experiência de culto e orientar os membros sobre o assunto. O pastor despreocupado com o tema refletirá sua atitude aos líderes da igreja e, conseqüentemente, aos demais membros da comunidade.

Contudo, em virtude da rotina do trabalho ministerial, nem sempre o pastor consegue dedicar o tempo necessário às análises e ações relativas ao melhoramento da experiência de culto de suas congregações. Por isso, ele precisa do apoio do departamento que tem como missão "apresentar uma imagem favorável da igreja, sua missão, vida e atividades":¹² o departamento de comunicação.

É preciso expandir a visão acerca do que esse ramo de trabalho faz na igreja. Sua equipe não deve atuar apenas na informação, mas também ajudar a liderança no desenvolvimento de uma experiência positiva, que

culmina no compartilhamento do que temos de mais precioso: a mensagem de salvação.

Portanto, o papel auxiliar do departamento de comunicação local na construção de uma experiência de culto significativa deve ser:

a) Apoiar o pastor e a liderança da igreja a refletir sobre o tema;

b) Avaliar o estado atual da experiência proposta pela igreja;¹³

c) Sugerir melhorias e mudanças, se necessário;

d) Acompanhar a experiência proposta.

Esse último ponto valoriza a participação do departamento de comunicação na dinâmica de culto da igreja local. Considera-se que se esse departamento tem como missão cuidar da imagem congregacional, é dele também a responsabilidade de contribuir para uma boa experiência de culto. Se a congregação proporciona uma experiência de adoração significativa, fica mais fácil comunicar os eventos e promover a igreja na comunidade em que ela está inserida.

Conclusão

O tema da experiência positiva completa no culto não é novo, ainda assim, necessita ser mais bem implementado. Contudo, com diversos microtemas alinhados e guiados por uma gestão única e participativa (recepção, sonoplastia, bom sermão, ambiente físico agradável, boa música, entre outros), a chance de se obter uma experiência de culto positiva aumenta consideravelmente.

Diante de uma sociedade que muitas vezes valoriza a experiência acima das próprias convicções, a igreja não pode se abster de entregar a melhor experiência possível, dentro das expectativas das pessoas. Para isso, entender o público que está à nossa volta é um ponto de partida fundamental.

Pensando nisso, a igreja não negligenciará a ordem necessária para o culto racional, ao mesmo tempo em que

proporcionará um momento único a todos os participantes. Uma boa experiência traz formalidades litúrgicas, mas também promove o engajamento dos participantes e a alegria das pessoas. Afinal, o objetivo de uma boa experiência é que todos, incluindo o casal do início deste artigo, tenham prazer em dizer: "Alearei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor" (Sl 122:1). **IV**

Referências

- ¹ Gerhard Schulze, *Die Erlebnisgesellschaft: Kultursociologie der gegenwart* (Berlim: Campus-Verlag, 1992).
- ² B. Joseph Pine II e J. H. Gilmore, "The experience economy: Past, present and future", em Jon Sundbo e Flemming Sørensen, *Handbook on the Experience Economy* (Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2013).
- ³ Thomas Davenport e John Beck, *A Economia da Atenção: Compreendendo o novo diferencial de valor dos negócios* (Rio de Janeiro: Elsevier, 2001).
- ⁴ 1st Financial, "Are you undervaluing customer service?" Disponível em <www.1stfinancialtraining.com>.
- ⁵ Daniel Newman, "Customer experience is the future of marketing", *Forbes*, 13/10/2015.
- ⁶ Ellen G. White, *Nos Lugares Celestiais* (Casa Publicadora Brasileira, 1968), p. 9.
- ⁷ Momento de contato entre alguém da instituição e seu público. Foi popularizado pelo criador do termo, Jan Carlzon, que empoderou os funcionários de linha de frente de sua empresa aérea e colheu frutos interessantíssimos em termos de vínculo e relacionamentos positivos. Ver Jan Carlzon, *Hora da Verdade* (São Paulo: Sextante, 2005).
- ⁸ Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 170.
- ⁹ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 178.
- ¹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), v. 5, p. 607.
- ¹¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), v. 2, p. 252.
- ¹² Departamento de Comunicação, Sobre Nós. Disponível em <<https://goo.gl/dvhaQR>>.
- ¹³ Um check-list pode ser encontrado em <<https://goo.gl/LkznG3>>.



Cortesia do autor

Fábio Bergamo, doutor em Marketing e Cibercultura, é coordenador do curso de Administração do Unasp, SP

Tales Tomaz

É senso comum dizer que uma característica marcante das sociedades desenvolvidas é a presença de tecnologias digitais. Contudo, o que essas tecnologias significam para a humanidade ainda é uma questão aberta. Tanto é assim que esse momento histórico já recebeu os mais diversos nomes, como sociedade pós-industrial, sociedade pós-moderna, era da comunicação e cibercultura, que são apenas os mais consolidados, cada um deles evidenciando diferentes ênfases.

A abordagem mais básica desse fenômeno, claro, é recorrer ao maniqueísmo incrustado no pensamento ocidental e situar as tecnologias digitais na dicotomia entre o bem e o mal, dizendo que elas são intrinsecamente boas ou más. Outra abordagem muito comum é dizer que elas são neutras, ou seja, que a questão é, na realidade, a forma de utilizá-las. Neste texto, discuto brevemente as tecnologias contemporâneas e sua inserção na sociedade a partir de outros pontos de vista.

**Notas para uma reflexão
sobre as tecnologias na
contemporaneidade**

Cibercultura e sociedade

As tecnologias digitais abrem possibilidades de autonomia para seus usuários que eram até então impensáveis na trajetória da humanidade. É desnecessário mencionar a quantidade de coisas que agora se pode fazer mais facilmente, sem depender de intermediários, por meio de tecnologias digitais. Essa constatação às vezes suscita a impressão de que tais tecnologias são em si democratizantes e, portanto, boas. É o que defendem alguns pensadores reconhecidos, como Domenico de Masi.¹ Para essa perspectiva, essas sociedades estão retirando das mãos das elites a primazia do domínio da sociedade. Há quem diga, inclusive, que estamos entrando numa era “pós-capitalista”.

Ocorre que não é tão simples assim. Vejamos um exemplo. Embora a economia mundial ainda gere maior faturamento para empresas que atuam em outros setores, as organizações que produzem equipamentos ou serviços digitais estão subindo rapidamente nos rankings. Na realidade, elas já se tornaram as maiores empresas em outros quesitos. Apple, Amazon, Microsoft, Google (sob o nome Alphabet) e Facebook são atualmente, nessa ordem, as cinco maiores empresas do mundo em termos de valor de mercado.² Ou seja, embora queiramos pensar que elas estão nos dando autonomia com seus produtos, essas empresas têm um modelo de negócios que as beneficia economicamente ainda mais do que a seus usuários. Isso não parece exatamente com uma democracia, cuja premissa é a de que o poder seja distribuído de forma mais igualitária, dando mais liberdade às pessoas.

Daí a constatação de Krishan Kumar, para quem, “até agora pelo menos, [a sociedade tecnológica] é uma sociedade projetada, como as antigas, por e para uns poucos: as ricas e poderosas classes, nações e regiões do mundo. [...] Seus objetivos e efeitos são rigorosamente definidos pelos objetivos tradicionais das elites políticas e econômicas: expandir o poder do Estado, tanto contra seus próprios cidadãos quanto contra outras nações, e aumentar a

produtividade e os lucros das empresas capitalistas, sobretudo através da criação de um mercado global integrado”.³ Portanto, a sociedade tecnológica não é, em si, uma revolução. Ela também foi forjada por elites políticas e econômicas que auferem grandes dividendos – em termos de poder – em função de o mundo ser organizado da forma (tecnológica) como está.

Existe o argumento de que as tecnologias digitais estão permitindo pelo menos uma grande produção e difusão de conteúdos alternativos, à margem do que desejam os centros de poder e os grandes conglomerados de mídia. Entretanto, os dados não são animadores. A maior parte dos conteúdos acessados na internet é dos mesmos grandes produtores de mídia que dominavam o mercado de informação anteriormente. Em 2010, 80% de todo o tráfego da internet mundial estava concentrado em 7% dos sites, e 67% deles eram controlados por corporações de mídia anteriores à existência da web. O quadro não mudou significativamente desde então.⁴

Diferentes possibilidades

Isso não significa necessariamente negar possibilidades libertadoras nas tecnologias digitais. É verdade que a opção mais comum é usar produtos e serviços de empresas que representam o pináculo do sistema vigente. Contudo, também há possibilidades mais descentralizadas, cujos maiores exemplos de sucesso talvez sejam iniciativas como a Wikipedia (em que a produção coletiva de conhecimento é pública, com gestão multilateral, em vez de ser propriedade de um grupo de acionistas) e os softwares livres (cujos códigos também não têm “dono”, podendo ser usados livremente por qualquer pessoa, como o sistema operacional Linux e a suíte LibreOffice, que é uma alternativa a softwares conhecidos como Word, PowerPoint e Excel). São sopro de uma lógica realmente diferente.

Além disso, mesmo que as empresas de mídia tradicionais ainda sejam mais

favorecidas na economia de atenção da internet, é fato que, pelo menos, existe uma possibilidade maior de distribuir e ter acesso a informações alternativas. Há aí um potencial que, no mínimo, precisa ser explorado. É por essas e outras razões que não dá para dizer simplesmente que essas tecnologias são boas ou ruins para a sociedade. Deve-se analisar caso a caso, considerar suas potencialidades, mas também avaliar os usos reais que as pessoas estão fazendo. Mesmo assim, convém ressaltar que é muito cedo – e faltam evidências, na realidade – para falar que essas tecnologias contribuem para mais democracia e liberdade. Isso indica que, se conseguirmos transformar essa sociedade em uma ordem social melhor, isso virá não tanto pelas tecnologias disponíveis, mas pelas escolhas políticas e sociais dos cidadãos que a compõem.

A questão, então, passa a ser a seguinte: se as possibilidades de uma vida melhor viriam muito mais dos cidadãos do que das tecnologias, não podemos dizer, então, que essas tecnologias são neutras? A grande questão não é a forma como usamos a tecnologia?

Certamente essa dimensão existe. Podemos usar tecnologias mais democráticas, podemos decidir usá-las para estudar e, ainda, optar por um uso mais moderado, sem excessos. Essas são coisas que realmente podemos fazer. Mas há um aspecto fundamental que foge da nossa escolha. Trata-se da interferência dessas tecnologias na nossa noção do que é possível e impossível, em suma, *do que é real*.

Natureza e tecnologia

Um exemplo pode ilustrar o argumento. Se há 518 anos Pedro Álvares Cabral, estando em solo brasileiro, tivesse aparecido em tempo real para o rei Manuel I, que aguardava notícias em Lisboa, isso seria automaticamente interpretado como bruxaria. Como esse tipo de comunicação era considerado impossível, precisava-se explicar o fato com recurso a alguma outra dimensão do possível. A magia e a

constante intervenção de entes sobrenaturais eram consideradas mais plausíveis.

Hoje em dia, esse fato é o mais banal. Com tudo o que vemos as tecnologias fazerem, ninguém questiona a comunicação em tempo real. Ou seja, independentemente do uso de tecnologias, nossa concepção do que é possível e impossível mudou, e isso está fora da nossa escolha. Quanto mais possibilidades descobrimos com o desenvolvimento tecnológico, mais somos tomados pela percepção de que as coisas materiais e naturais são substituíveis por sistemas tecnológicos. Se na comunicação em tempo real é nossa presença que se torna supérflua – substituível por textos, imagens e sons transmitidos por uma máquina –, no funcionamento do corpo descobrimos que até mesmo o coração pode ser dispensável, podendo ser substituído por máquinas sem grandes prejuízos para a manutenção da vida.⁵

Vamos descobrindo aos poucos, também, que uma série de outras funções da natureza podem ser alteradas à medida que desenvolvemos tecnologias digitais que permitem converter seus acontecimentos em informações. Ainda é forte o argumento de que raciocínios, sentimentos e emoções jamais poderão ser substituídos por códigos de computador. Mas também já existem diversas pesquisas avançadas nesse sentido.⁶ A evolução dos sistemas de inteligência artificial está tornando esse assunto cada vez menos consensual, mais controverso.

Ao considerarem fatos como esses, pensadores como Bruno Latour concluem que não há diferença entre natureza e tecnologia, o que significa que todos os segredos da realidade estão acessíveis para nós, desde que descubramos a forma correta de intervir nela.⁷ Embora a ação humana sempre tenha sido caracterizada por uma intervenção mais ou menos consciente no seu entorno, nossas tecnologias estão nos dando uma noção muito mais profunda do que é possível fazer.

Diante desse quadro, o leitor pode se sentir perdido e se perguntar qual seria a atitude correta perante as tecnologias e sua inserção no mundo atual. É uma preocupação legítima. Uma das principais respostas que se tem dado a respeito é a tradicional “não-tem-outro-jeito”, que significa normalmente aderir de corpo e alma. Entretanto, essa resposta esconde mais uma vez questões mais complexas. Primeiramente, como dito acima, há adesões e usos distintos. Determinadas escolhas tecnológicas podem reforçar a centralização de poder em alguns poucos grupos, enquanto outras podem favorecer uma sociedade mais democrática. Além disso, o “não-há-outro-jeito” mascara a existência de uma série de estilos de vida alternativos. Há muitas pessoas que rejeitam o smartphone e optam por celulares tradicionais para não ficarem conectadas o tempo todo à internet, evitando distrações no dia a dia e deixando de entregar informações valiosas sobre seus padrões de uso e consumo. E há até mesmo alternativas mais radicais, como a da permacultura, que adota um estilo de vida voltado para a comunidade local. Assim, reduz-se bastante a necessidade de tecnologias produzidas em localidades distantes e do consequente consumo intensivo de energia, que contribui para o esgotamento de recursos da Terra. Portanto, é incorreto dizer “não tem outro jeito”. Tudo depende do estilo de vida que queremos, com quais interesses estamos alinhados. A depender da resposta, há uma série de alternativas.

Conclusão

Entretanto, em relação à concepção de possível e impossível que a tecnologia traz consigo, a coisa é mais complicada. Usar de uma ou de outra forma, ou ainda deixar de usar esses equipamentos, não vai mudar significativamente nossa concepção sobre o que é real. De certa maneira, estamos “reféns” dessa nova perspectiva de mundo. O que podemos fazer em

relação a ela? Talvez a coisa mais importante é manter as possibilidades abertas. Quantas vezes na história da humanidade nossos antepassados estiveram convencidos de que tinham as explicações certas para o possível e o impossível? E quantas vezes já não foram surpreendidos pelo que veio depois? É lógico que agora é mais difícil, porque o desenvolvimento tecnológico parece se impor como uma realidade inexorável, parecendo que a única questão que resta é como usá-lo. Mas se não sucumbirmos ao silêncio e nos mantermos fazendo perguntas, continuaremos abertos para outras possibilidades. Portanto, longe de ser uma questão meramente prática – a tradicional e pouco refletida ansiedade do “como usar as tecnologias” –, a tecnologia contemporânea é muito mais complexa e impõe uma agenda que, se levada a sério, obriga à reflexão detida. A conclusão ainda parece distante no horizonte. Por isso, mais do que nunca, é tempo de pensar e perguntar. **M**

Referências

¹ Domenico de Masi. *Criatividade e Grupos Criativos: Descoberta e invenção* (Rio de Janeiro: Sextante, 2005).

² Veja detalhes, inclusive os valores de mercado, em: <<https://goo.gl/oHs6r8>>.

³ Krishan Kumar. *Da Sociedade Pós-industrial à Pós-moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006), p. 71.

⁴ Jonathan Hardy. *Critical Political Economy of the Media: An introduction* (Londres: Routledge, 2014).

⁵ Veja a matéria “À espera de transplante, americano vive 555 dias sem coração”, do G1, em: <<https://glo.bo/a-espera-de-transplante>>.

⁶ Veja, por exemplo, André Gorz, *O Imaterial: Conhecimento, valor e capital* (São Paulo: Annablume, 2005).

⁷ Bruno Latour. Agency at the Time of the Anthropocene. *New Literary History*, v. 45, n. 1, 2014.



Tales Tomaz, doutor em Meios e Processos Audiovisuais, é professor assistente do Unasp, EC

Questão de **criatividade**

A obra proibida no sábado e a edificação do tabernáculo

André Vasconcelos

Deus abençoou e santificou o sétimo dia para estabelecer um parâmetro que deveria ser seguido por toda a humanidade, uma vez que o sábado é uma aliança eterna para os filhos de Israel (Êx 31:16) e o ponto de inclusão do “estrangeiro” na aliança (Is 56:3-8). Dessa forma, percebe-se que o quarto mandamento (Êx 20:8-11) não é relevante somente para um grupo étnico em especial, mas para todos aqueles que estão dispostos a entrar em um concerto com o Senhor.

Assim, as peculiaridades de sua observância se tornam um fator importante para

discussão. Em Êxodo 31:14, encontramos a seguinte declaração: “Portanto, guardareis o sábado, porque é santo para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo.” Apesar de algumas atividades proibidas no dia de sábado serem mencionadas no Antigo Testamento, a Bíblia não define a natureza da obra referida no texto citado. Então, como é possível observar o mandamento sem entender o que ele proíbe? Como

observa Hayim Halevy Donin, “qualquer lei, em qualquer sistema judicial, que é vaga e obscura e que pode ser interpretada de qualquer maneira que se considera certa, é inútil e não pode ser aplicada.”¹

Tendo isso em vista, este artigo se propõe a responder a seguinte pergunta: Qual é a natureza da obra (heb. *mela'khah*) proibida em Êxodo 31:12 a 17? Para responder essa questão, faz-se necessário mapear o uso do termo *mela'khah* no Antigo Testamento e analisar a estrutura do texto e as principais palavras da perícope.



O termo no Antigo Testamento

A palavra *mela'khah* é um substantivo feminino singular derivado da raiz *l'kh* e pode ser traduzida como: obra, negócio ou labor.² Embora a raiz *l'kh* não apareça no texto bíblico em sua forma verbal, ela é atestada em outras línguas semíticas, como por exemplo, ougarítico *laake* e etíope *la'aka*, ambos com o sentido de “enviar”, assim como o verbo *l'kh* em hebraico.³

O termo ocorre 166 vezes no Antigo Testamento. Dessas, 16 se referem a um sábado semanal, 19 a um sábado cerimonial e 64 à edificação ou à restauração do santuário. No Pentateuco, o uso dessa expressão em relação ao sábado e ao santuário se torna ainda mais evidente. Das 65 vezes em que ela ocorre nessa porção das Escrituras, apenas oito se referem a outro assunto (Gn 33:14; 39:11; Êx 22:8, 11; Lv 7:24; 11:32; 13:48, 51), o que parece sugerir algum tipo de relação entre a “obra” proibida no sábado e a “obra” de edificação do tabernáculo.

O fato de que a palavra *mela'khah* ocorre de forma abundante no Pentateuco em relação a esses dois temas levou os tanaítas (rabinos que tiveram seus ensinamentos preservados na Mishnah) a formular 39 categorias de trabalhos proibidos no sábado, conhecidas como *'avot mela'khah*.⁴ Eles entendiam que a “obra” proibida no sábado estava intimamente relacionada à “obra” de edificação do santuário, a ponto de estabelecer 39 classes de trabalho que, a seu ver, reuniam todas as atividades necessárias para a construção do tabernáculo.

Sábado e tabernáculo

A relação entre obra, sábado e santuário também pode ser observada na estrutura do livro, pois como asseguram Martin Buber e Franz Rosenzweig, “o conteúdo subsiste por meio da própria e inseparável forma”.⁵

O livro do Êxodo apresenta duas seções de capítulos referentes ao santuário, sendo a primeira os capítulos 25 a 31, e a segunda, os capítulos 35 a 40. Na primeira seção

encontram-se as diretrizes para construção do tabernáculo; na segunda, o relato de sua execução. A ordenança de não realizar nenhuma *mela'khah* no dia de sábado sob pena de morte é introduzida no livro no fim do capítulo 31 e repetida no início do capítulo 35, sendo, dessa maneira, a ponte entre as duas seções do santuário.⁶

Sobre essa relação, Nahum Sarna comenta: “A retomada da narrativa do tabernáculo, no capítulo 35, começa com a lei do sábado. Esse padrão estrutural se destina a enfatizar a hierarquia de valores que informa a Torá: o tabernáculo consagra a noção de santidade do espaço, e o sábado incorpora o conceito da santidade do tempo. Este último tem precedência sobre o primeiro, e a obra do tabernáculo devia ceder a cada semana para o descanso sabático.”⁷

Considerando essa relação estrutural entre o sábado e o santuário, nota-se uma intencionalidade na proibição de realizar uma obra no sétimo dia. Das 33 ocorrências de *mela'khah* no Êxodo, 23 delas se encontram na segunda seção do santuário. Ou seja, após proibir a realização de uma obra no sábado (Êx 35:1-3), Deus orientou o povo a executar a obra de edificação do tabernáculo (por exemplo, Êx 35:21-35; 36:1-8 e 38:24).

Sábado, santuário e criação

A relação entre obra, sábado e santuário se torna ainda mais evidente quando relacionada à narrativa da criação. A referência à criação em Êxodo 31:14 a 17 leva o leitor de volta ao relato de Gênesis 2:2 e 3, passagem em que a palavra *mela'khah* ocorre pela primeira vez na Bíblia. A forma do texto também reafirma seu conteúdo, de modo que é possível estabelecer um paralelo estrutural entre a construção do tabernáculo e a criação. Um exemplo disso é a estrutura dos capítulos 25 a 31 de Êxodo. Essa seção está dividida em sete partes, conforme a repetição da fórmula “Disse o Senhor a Moisés” (25:1; 30:11, 17, 22, 34; 31:1, 12). Em outras palavras, a instrução para a construção do santuário foi realizada em sete etapas, da mesma forma que Deus

criou o mundo em sete dias. Além disso, a sétima unidade literária dessa seção e o sétimo dia da criação culminam com a celebração do sábado.⁸

Palavras-chave

A expressão *shabbat shabbaton* (“repouso solene”; ver 31:15) é uma das palavras-chave nesse texto. Na Bíblia, essa expressão ocorre principalmente em relação ao sábado e ao Dia da Expição (Êx 16:23 [ordem inversa, *shabbaton shabbat*]; 31:15; 35:2; Lv 16:31; 23:3, 32).⁹ Quando o termo hebraico *shabbaton* ocorre sozinho, aparece em associação com a festa das Trombetas e a festa dos Tabernáculos (Lv 23:24, 39).

A expressão *shabbat shabbaton* funciona como um superlativo e representa um alto grau de descanso.¹⁰ Em razão disso, quem realizasse qualquer tipo de obra no sábado ou no Dia da Expição deveria ser eliminado do povo (Êx 31:14; Lv 23:29). Nesses dois dias, era proibida a realização de qualquer tipo de obra (*kol-ha'oseh mela'khah*), conforme Êxodo 31:15 e 35:2 (cf. Lv 16:29; 23:3, 31). Já em um *shabbaton* comum, somente as obras servis (*kol mele'khet 'avodah*) eram proibidas (por exemplo, Lv 23:25, 35; Nm 29:1, 12, 35).

Uma vez que num *shabbat shabbaton* era proibido “todo tipo de obra” e que num *shabbaton* eram proibidas somente as “obras servis”, é possível concluir que a obra proibida em uma festividade comum estava restrita a um trabalho de natureza física/servil, enquanto no sábado e no Dia da Expição, nenhum tipo de obra deveria ser realizado. Portanto, a *mela'khah* proibida em Êxodo 31:14 e 15 não deve ser entendida apenas como uma atividade laboral, caso contrário, seria desnecessária a diferenciação entre não realizar “nenhuma obra” em um *shabbat shabbaton* e a proibição de não realizar “nenhuma obra servil” em um *shabbaton*.

Outra palavra de destaque nessa perícope é o verbo *shavat* (Êx 31:17), o qual pode ser traduzido como “cessar” ou “parar”.¹¹ Segundo Gênesis 2:2 e 3 Deus “cessou” (*shavat*) Sua

Construção do santuário (Êx 25–31)	Narrativa da criação (Gn 1–2:3)
1ª fala de Deus a Moisés (25:1)	1º dia da criação (1:3-5)
2ª fala de Deus a Moisés (30:11)	2º dia da criação (1:6-8)
3ª fala de Deus a Moisés (30:17)	3º dia da criação (1:9-13)
4ª fala de Deus a Moisés (30:22)	4º dia da criação (1:14-19)
5ª fala de Deus a Moisés (30:34)	5º dia da criação (1:20-23)
6ª fala de Deus a Moisés (31:1)	6º dia da criação (1:24-31)
7ª fala de Deus a Moisés (31:12) Conteúdo: sábado	7º dia da criação (2:2-3) Conteúdo: sábado

“obra” (*mela'khah*) no sétimo dia. Isso implica que toda atividade criativa desenvolvida durante os seis dias da criação foi considerada *mela'khah*. Conforme observado por Mathilde Frey, o uso da palavra *mela'khah* nesse texto sumariza as “ações criativas de Deus” realizadas nos seis dias da semana, as quais são expressas pelos verbos “criar” (*bara*); “fazer” (*asah*); “chamar” (*qara*); “ver” (*ra'ah*); “falar” (*amar*); e outros.¹² Assim, a classificação do termo *mela'khah* como uma obra de natureza criativa parece refletir melhor a diversidade com que essa palavra é utilizada no Antigo Testamento, assim como sua relação com a criação e a construção do tabernáculo.

O verbo *asah* (“fazer”) é outro termo importante nessa análise. Esse verbo ocorre três vezes em conjunto com a palavra *mela'khah* em Êxodo 31:14 e 15. Além disso, também é utilizado para se referir à atividade dos seis dias da semana (ver Êx 20:9-11, cf. Gn 1:31). Dessa forma, tanto o verbo *asah* como o verbo *shavat* ditam o movimento da criação efetuada por Deus, e também da construção do tabernáculo. Deus fez com que a sequência de trabalho e descanso expressa em Êxodo 31:12 a 17 fosse análoga à Sua obra.¹³ Isto é, assim como Deus “fez” o mundo em seis dias e “cessou” no sétimo, os filhos de Israel deveriam “fazer” o tabernáculo durante seis dias e “cessar” sua obra no sétimo.

Por meio do mandamento do sábado, Deus convida a humanidade a imitar (*imitatio Dei*) o processo de criação e descanso

efetuado por Ele. Nas palavras de Heschel: “A arte de guardar o sétimo dia é a arte de pintar na tela do tempo a grandeza misteriosa do clímax da Criação: como Ele santificou o sétimo dia, assim devemos fazê-lo. O amor ao Schabat é o amor do homem pelo que ele e Deus têm em comum. Nosso ato de guardar o dia do Schabat é uma paráfrase de Sua santificação do sétimo dia.”¹⁴

Conclusão

Após analisar as ocorrências do termo *mela'khah* no Antigo Testamento, a estrutura do texto e as principais palavras de Êxodo 31:12 a 17, é possível concluir que a chave para a identificação da natureza da obra proibida no sétimo dia está na relação entre a palavra *mela'khah*, o sábado e a construção do santuário. Nota-se também que o conteúdo de Êxodo 31:12 a 17 aborda a “obra” relativa ao sábado; e seu contexto, a “obra” relativa à construção do tabernáculo. Já a forma do texto indica que a “obra” do sábado está conectada à “obra” do tabernáculo e, ambas, ao relato da criação no Gênesis.

Portanto, a forma e o conteúdo do texto sugerem que a *mela'khah* proibida em 31:12 a 17 não está relacionada somente a uma atividade de natureza física, laboral ou servil, mas a uma atividade de “natureza criativa” semelhante à construção do tabernáculo e à obra de Deus na criação. Ao mesmo tempo em que essa definição é mais precisa, ela mantém a abrangência

intrínseca ao termo *mela'khah* e a subjetividade natural do texto, sem incorrer no erro tautológico de definir e objetivar minuciosamente o que não pode ser definido. **M**

Referências

- Hayim Halevy Donin, *O Ser Judeu: Guia para a observância judaica na vida contemporânea* (Jerusalém: Organização Sionista Mundial, 1985), p. 106.
- Benjamin Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 2ª ed. (Massachusetts: Hendrickson, 2011), p. 403.
- J. Milgrom; D. P. Wright; H. J. Fabry, “הַכְּתָּוִת”, em: G. J. Botterweck (ed.); H. Ringgren (ed.); H. J. Fabry (ed.), *Theological Dictionary of the Old Testament* (Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997), v. 8, p. 325.
- Mishnah Shabbat, 7:2. Ver B. Shabbat 49b.
- Martin Buber e Franz Rosenzweig, *Scripture and Translation* (Indianápolis: Indiana University Press, 1994), p. 28.
- John Durham, *Word Biblical Commentary: Exodus* (Dallas: Word Incorporated, 2002), v. 3, p. 475.
- Nahum Sarna, *The JPS Torah Commentary: Genesis* (Filadélfia: Jewish Publication Society, 1989), p. 201. Ellen G. White também estabelece essa conexão em *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 313, 314.
- Richard Davidson, Cosmic Metanarrative for the Coming Millenium, *Journal of the Adventist Theological Society* 11 (2000), p. 110.
- A expressão *shabbat shabbaton* também é usada para se referir ao ano sabático em Levítico 25:4. Contudo, ela aparece associada ao termo *shabbaton* no versículo 25, diferente dos outros dois exemplos em que esse termo nunca ocorre.
- Sarna, p. 90.
- L. Koehler; W. Baumgartner; M. E. J. Richardson; J. J. Stamm, *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, edição eletrônica (Leiden; Nova York: E. J. Brill, 1999), p. 1407.
- Mathilde Frey, “The Sabbath in the Pentateuch: An exegetical and theological study” (tese de doutorado, Universidade Andrews, 2011), p. 41.
- Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus* (Jerusalém: The Hebrew University Magnes Press, 1967), p. 404.
- Abraham J. Heschel, *O Schabat: Seu significado para o homem moderno* (São Paulo, SP: Perspectiva, 2009), p. 29.



Cortesia do autor

André Vasconcelos, mestre em Teologia, é editor na Casa Publicadora Brasileira

MINISTÉRIO

Hora de mudança

Edimar Sena



Dicas para enfrentar com otimismo as transferências pastorais

Nunca reagi muito bem a mudanças. Sou do tipo que se apega facilmente às pessoas e ao ambiente. Minha esposa, por outro lado, lida com essa questão de maneira natural, embora demore mais para se adaptar ao novo lugar. Desde o dia em que deixamos nossa cidade natal, há 25 anos, a fim de que eu pudesse cursar a faculdade de Teologia, já moramos em 12 lugares diferentes. Entretanto, ainda não me acostumei com o fato de ter que me distanciar de tudo o que se torna parte do meu ministério em cada localidade por onde passamos. Assim, quando sou transferido, as mudanças me deixam com a sensação de ainda não haver concluído meus objetivos.

Como pastores, precisamos estar conscientes de que as mudanças são inevitáveis. Eu comparo a vida do pastor e sua família à experiência do chamado de Abraão (Gn 12:1-4). Um olhar sobre a

jornada desse patriarca nos permite ver os desafios e as lutas que ele enfrentou em diferentes lugares e situações (Gn 12:10-20; 13:1-13; 14:14-17; 16:1-4; 22:1-19; 23:1, 2). Embora estejamos sob a direção divina, isso não significa que não enfrentaremos sofrimentos, perdas, desapontamentos ou tristezas.

Em nossos 25 anos de ministério, o tempo máximo de permanência em um lugar foi de quatro anos e meio. Atualmente estamos a mais de 3 mil quilômetros de onde iniciamos nossa trajetória. Durante esse tempo, tive a oportunidade de aprender algumas lições muito úteis que gostaria de compartilhar.

Acostume-se com as mudanças

A primeira lição que aprendi é que transferências e mudanças são inevitáveis na vida ministerial. Algumas ocorrem quando já estamos adaptados ao lugar, à função e à igreja. Por vezes, o local para onde estamos sendo transferidos é bem diferente daquilo que imaginamos. Pode ser que tenhamos dificuldades em prover a melhor escola aos nossos filhos, encontrar um trabalho para a esposa ou ser atendidos por um bom serviço médico-hospitalar. Nessas situações, sempre penso: “Se os habitantes desse lugar podem viver bem aqui, o pastor e sua família também podem, sob a bênção divina.” Outras vezes ocorrem mudanças que são mais favoráveis ao pastor e à sua família.

Confie em Deus

A segunda coisa que aprendi é que Deus e o inimigo sempre acompanharão o pastor e sua família. Certamente o Senhor sustentará Seu servo fiel, mas o inimigo procurará usar suas armas contra o ministro e seus entes queridos no novo lugar de trabalho. Se o plano divino é que o pastor vá, o diabo tentará atraparlar para que ele não vá, ou vá insatisfeito, reclamando, lamentando e prejudicando a Causa do Mestre.

Minha dica nesses momentos, seja de transferência de distrito ou de função, é: ore e confie no Senhor. Alguém me disse certa vez: “Ninguém sabe o que está por trás de uma transferência ou de um chamado.” Por mais sofrida que seja uma mudança, caia aos pés do Senhor em oração, suplicando forças para fazer aquilo que Deus aprova, e Ele o fortalecerá. Ellen White escreveu: “Podemos ainda confiar naquela mão que é onipotente, naquele coração repleto de amor.”¹ Nessas horas, especialmente, é muito importante saber que o Pai celestial cuidará de vocês no novo campo de trabalho, assim como cuidou nos lugares por onde já passaram. Não importa o que o inimigo ou as pessoas façam, se permanecermos fiéis a Deus, Ele nos honrará (1Sm 2:30). A promessa de Jesus é que Ele estará conosco todos os dias, em todos os lugares, enquanto estivermos envolvidos no cumprimento de Sua missão (Mt 28:20).

O testemunho de Ellen White quando foi enviada à Austrália, onde viveu de 1881 a 1900, cabe bem nesse contexto. Embora julgasse que seu trabalho fosse mais útil nos Estados Unidos, ela se dispôs a ir diante da recomendação da liderança da igreja. E Deus a abençoou muito naquele país, ainda que, posteriormente, lhe foi revelado que o Senhor não queria que ela fosse para lá.² Enquanto estava na Oceania, ela escreveu: “As circunstâncias podem nos separar de todos os amigos terrestres; nenhuma, porém, nem mesmo a distância, nos pode

separar do celeste Consolador. Onde quer que estejamos, aonde quer que vamos, Ele Se encontra sempre à nossa direita, para apoiar, sustentar, erguer e animar.”³

Aproveite as oportunidades

Em terceiro lugar, descubra as novas janelas que Deus está abrindo para você no novo local de trabalho e desfrute delas. Não deixe que o passado o aprisione. Dificilmente você voltará ao lugar de onde saiu e, ainda que volte, perceberá que a realidade já não será a mesma. Pessoas amadurecem, igrejas mudam, a instituição tem novos líderes e a comunidade vive uma nova fase. Portanto, concentre-se em sua nova realidade, nos desafios do presente, e comece a sonhar com as realizações no lugar em que Deus o colocou sob a direção de Seu Espírito. Nenhum ministro fracassará se, incondicionalmente, obedecer à vontade do Pai (Jr 29:11-14).

Há alguns anos, um colega que mudou de função me contou sobre o que ele chama de “a lei da compensação”. Disse-me: “Deus não permitirá que nenhum de Seus ministros e a família deles sejam prejudicados por uma mudança de lugar ou de função. Pelo contrário, juntamente com ela, o Senhor dará a lei da compensação.” E explicou: “É uma bênção reservada que Ele não daria se você estivesse no lugar anterior. Essa bênção pode estar relacionada à saúde, maturidade profissional, edificação espiritual, família, finanças...” Tenho experimentado essa realidade em minha vida ministerial. Agradeço e louvo ao Senhor por Suas infinitas bênçãos derramadas sobre mim e minha família com a “lei da compensação”. Portanto, descubra como essa lei também tem se cumprido em vocês!

Perdoe

Caso alguém tenha agido de maneira errada e magoado você e sua família, em um processo de transferência ou mudança de função, perdoe, ainda que essa

pessoa não venha lhe pedir perdão. Essa é a quarta lição. Deixe essa questão para trás e siga em frente. No futuro, se você estiver participando das decisões dos casos de outros colegas de ministério, lembre-se de dispensar a eles o tratamento que você gostaria de ter recebido.

Tempos atrás, depois de ter vivido uma experiência desagradável, decidi acrescentar à minha agenda de compromissos a tarefa de ligar para conversar e animar colegas que, talvez, sentem mais do que outros o impacto das transferências de lugar ou função. O objetivo não é criticar as decisões tomadas, mas ajudar a superar esse momento de transição. É preciso confiar em Deus, seja qual for a situação. A nova geração de pastores precisa ver em nós o exemplo de submissão ao chamado de Cristo. Precisamos fazer uso do remédio que recomendamos às pessoas que sofrem: confiança em Deus e em Seu constante cuidado por nós (Is 46:3, 4).

Mantenha a comunhão

A última dica que gostaria de deixar é: mantenha-se sempre em sintonia com o Pai Celestial para cumprir Sua missão. Quando fazemos isso, desenvolvemos intimidade no relacionamento com o Espírito de Deus e percebemos com maior clareza Sua vontade em nossa vida e nosso ministério. Assim, quando o consultarem ou encaminharem um chamado oficial, você estará preparado para fazer o que o Senhor deseja que se realize em seu ministério. Algumas vezes Deus também nos fala por meio de pessoas. Mas, se isso não acontecer, faça como Ellen White, aceite e cumpra o chamado. Tenha certeza de que não importa o que aconteça, Ele sempre cuidará de você e de sua família, mesmo que, naquele momento, você não entenda.

Se você é como eu, as mudanças vão continuar lhe causando algum incômodo. Mas estou convencido de que em nome do ministério que abraçamos e pelo poder

do Espírito Santo, a melhor coisa a fazer é confiar e avançar. No século 18, quando os jovens morávios saíam em missão para lugares novos e desconhecidos, diziam: “Para que o Cordeiro, que foi imolado, receba a justa recompensa pelo Seu sacrifício, através de nossa vida.”⁴ Eis aí a verdadeira motivação que deve superar todos os desafios que fazem parte do processo comum das mudanças na vida de um ministro.

O apóstolo Paulo escreveu: “Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de Ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8:35-39).

Animemo-nos uns aos outros com essas palavras. E que Deus nos ajude a ser totalmente fiéis no cumprimento de Sua missão, na função e no lugar em que Ele, por meio da igreja, nos colocar. **M**

Referências

¹ Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), p. 169.

² Arthur L. White, *Ellen White: Mulher de visão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 269, 270.

³ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 669, 670.

⁴ Steve Addison, *Movimentos que Mudam o Mundo* (Curitiba, PR: Editora Esperança, 2011), p. 53.



Edimar Sena, doutor em Ministério, é pastor em Tatuí, SP

VALORIZE SUA IDENTIDADE



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



A insistência de Deus

A perseverança é uma característica fundamental no processo de discipulado

Erton Köhler

Um dos destaques da Bíblia é a insistência de Deus. Ele é insistente para buscar, salvar e restaurar aqueles a quem ama, e também para envolver aqueles que são Seus numa obra especial em favor de Sua Causa.

Na história dos doze apóstolos, temos um dos grandes exemplos dessa insistência. Eles foram escolhidos por Cristo mesmo não sendo os mais preparados; entretanto, dia a dia, o Mestre Se dedicou a moldá-los para cumprir Sua missão. Pedro, o mais preeminente do grupo, foi o maior beneficiado. Era um homem temperamental, impulsivo, falante e desequilibrado. Contudo, Jesus enxergou nele o que ele poderia ser e insistiu em sua transformação.

Nesse processo, o Mestre Se utilizou de três situações especiais. Por três vezes, Jesus ensinou importantes lições a Pedro, sempre com uma tríplice insistência. Assim, buscava fazer dele um discípulo completo, com as mesmas ênfases que usamos em nossa visão de discipulado: comunhão, relacionamento e missão.

A primeira vez ocorreu quando Pedro negou três vezes a Jesus (Mt 26:69-74). Ele havia sido alertado, mas, mesmo assim, se escondeu e praguejou. Na sequência, o galo cantou, conforme o Senhor havia lhe dito

(Mt 26:33-35). Por que não resistiu à pressão? Por que negou seu compromisso com Cristo? Há pelo menos duas razões para isso: ele dormiu enquanto deveria estar orando (Mt 26:40-43) e seguiu Jesus de longe (Mt 26:58). Pela fragilidade espiritual, falhou em assumir sua identidade. A queda teve relação direta com sua vida de comunhão.

A segunda situação aconteceu depois da ressurreição de Jesus, quando o Senhor perguntou três vezes a Pedro: “Tu me amas?” (Jo 21:15-17). Cada pergunta ofereceu uma oportunidade para superar as três negações. Essa insistência demonstrou o quanto Cristo acredita em recomeços. Entretanto, seu pedido mais importante veio a seguir: “Apascenta Minhas ovelhas”. A visão de Pedro era centralizada em si mesmo, e Jesus queria mudar o foco, colocando-a nas pessoas, que eram a razão de Seu ministério. Essa segunda experiência foi um chamado para que Pedro construísse fortes relacionamentos.

A terceira e última ocorrência se deu quando o apóstolo teve a visão do lençol cheio de animais imundos, que representava o convite para evangelizar Cornélio e os gentios (At 10:9-22). Pedro foi chamado três vezes para o cumprimento da missão. Ele havia ouvido o “ide” apresentado

por Cristo aos discípulos (Mt 28:18-20), mas, dessa vez, recebeu seu “ide” pessoal. O Senhor trabalhava, ao mesmo tempo, no chamado de Pedro e também no coração de Cornélio. Ele sempre atua naquele que é enviado e em quem deve ser alcançado. Entretanto, o único ponto negativo da história é que Deus precisou chamar Pedro por três vezes até que ele aceitasse a tarefa, enquanto Cornélio aceitou imediatamente a obra da salvação. Isso mostra que as limitações de nossa missão normalmente não estão na dificuldade de alcançar a comunidade, mas no desafio de comprometer os cristãos com a obra de Deus. Não precisamos ter medo de alcançar pessoas aparentemente improváveis ou impossíveis, como Cornélio. Ele era gentio e não mantinha as tradições e a pureza dos judeus. Era um líder romano, povo que dominava Israel. Era um centurião, chefe militar dos “inimigos”. Era de origem rica e nobre, o que o tornava inacessível. Mesmo assim, houve salvação em sua casa. Não importa o tamanho das dificuldades, o Senhor é quem faz o milagre da transformação.

O resultado da visita de Pedro a Cornélio foi um segundo Pentecostes (At 10:44-48). Tudo porque o apóstolo aceitou o chamado e Deus atuou poderosamente.

O Senhor nunca deixa sem resultados aqueles que cumprem a missão. Não precisamos ter medo nem adotar estratégias complicadas para alcançar aqueles que parecem impossíveis de ser alcançados. Precisamos nos aproximar deles, ensinar a Palavra e não hesitar em convidá-los a entregar sua vida a Jesus por meio do batismo.

Assim como fez com Pedro, Deus também insiste para que vejamos o discipulado de maneira mais completa. Ele espera que os pastores, como Seus representantes, sejam insistentes ao apresentar essa visão à igreja e fortalecê-la. Muitos vivem correndo atrás de novidades, buscando novas tendências e dependendo de estímulos especiais para avançar. Mas, se queremos gerar mudanças profundas, precisamos ser insistentes na mesma visão de discipulado. A inovação é sempre bem-vinda, mas deve se comprometer a fortalecer a mesma mensagem, porque o discipulado que desenvolve cristãos mais profundos, frutíferos e felizes leva tempo. Precisamos ser insistentes.

Além disso, precisamos tomar cuidado para não nos distrair em nossa insistência. Não podemos nos perder em meio a tantas novidades, eventos e materiais que não fortalecem a visão principal. Buscamos um processo de discipulado que redunde em gente cuidando de gente e que equilibre o cuidado das pessoas e o crescimento da missão. Que tenha resultados claros e nos ajude a avaliar o quanto estamos avançando no processo. Afinal, sem a referência dos indicadores mensuráveis pode haver promoção, motivação, agitação e até ilusão, menos discipulado. Eles são simples, mas envolvem a essência da vida cristã:

- **Comunhão:** mais gente estudando a Bíblia e dedicando tempo à oração.
- **Relacionamento:** mais gente envolvida nos pequenos grupos e nas unidades de ação da Escola Sabatina.
- **Missão:** mais gente dando estudos bíblicos.

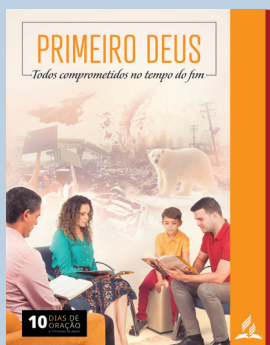
Para apoiar esse crescimento e fortalecer nossa unidade, participamos juntos

de quatro movimentos integrados, que potencializam a visão e os resultados (ver quadro abaixo).

A fim de consolidar nossas ações, haverá dois materiais adicionais. A comunhão será fortalecida pela série *Conflito*, de Ellen White, em linguagem atualizada, por um preço especial e subvencionado. A missão receberá o reforço da nova *Bíblia Missionária*, com recursos que facilitarão o engajamento dos membros: estudos bíblicos em cadeia, explicação de textos difíceis, guias para reuniões de pequenos grupos e a interação com imagens em realidade aumentada, que darão mais vida aos momentos de estudo das Escrituras.

Temos uma visão de discipulado clara, bíblica e profunda, com atividades e materiais de apoio para fortalecer o foco. Precisamos ser insistentes, com criatividade, paixão e oração, para que ela se torne efetiva na vida da igreja. Só assim teremos uma igreja mais forte na Terra e muito mais gente preparada para o reino dos Céus. **M**

Mobilizações em 2019



10 Dias de Oração e 10 Horas de Jejum

14 a 23 de fevereiro



Impacto Esperança

25 de maio



Semana da Esperança (Evangélico de Colheita)

21 a 28 de setembro



Semana Santa

13 a 20 de abril



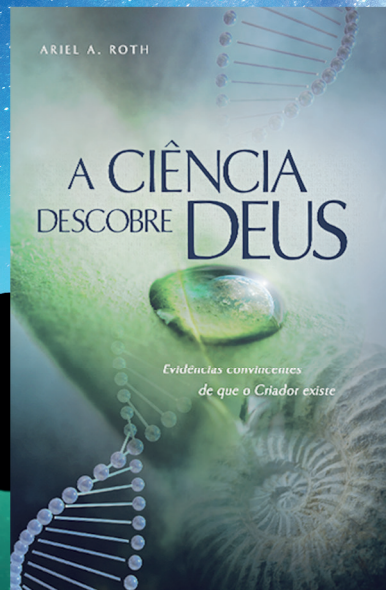
Gentileza do autor

Erton Köhler, doutor honoris causa, é presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

DESDE A CRIAÇÃO DO MUNDO OS ATRIBUTOS **INVISÍVEIS**
DE DEUS, SEU ETERNO PODER E SUA NATUREZA DIVINA,
TÊM SIDO VISTOS CLARAMENTE, SENDO COMPREENDIDOS
POR MEIO DAS COISAS CRIADAS, DE FORMA QUE TAIS
HOMENS SÃO INDESCULPÁVEIS.

ROMANOS 1:20



A Ciência Descobre Deus
Ariel A. Roth

FORMATO: 14,0 X 21,0
NÚMERO DE PÁGINAS: 272
ACABAMENTO: BROCHURA



Maravilhas da Criação
Gerald E. Vyhmeister

FORMATO: 14,0 X 21,0
NÚMERO DE PÁGINAS: 224
ACABAMENTO: BROCHURA

ADQUIRA LIVROS QUE
APRESENTAM UM POUCQUINHO
DOS ATRIBUTOS INVISÍVEIS DE
DEUS REVELADOS NA NATUREZA.

MKT CPB | Fotolia

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



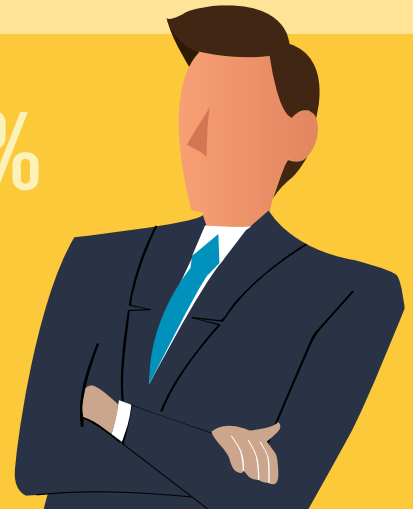
As frustrações do pastor

Como qualquer atividade humana, o ministério tem uma série de alegrias, mas também, muitas situações frustrantes. Em parceria com a Universidade Pepperdine, o Instituto Barna conduziu uma pesquisa com pastores dos Estados Unidos acerca dos altos e baixos do trabalho ministerial. O estudo, que consultou 900 ministros protestantes, de 90% das igrejas do país, tocou em vários aspectos referentes à liderança pastoral. Em um deles, os pesquisadores perguntaram o que mais frustrava os entrevistados. As respostas são interessantes, e deveriam nos fazer pensar em nossas próprias experiências como pastores sul-americanos.

As partes frustrantes do ministério são:

35%

Falta de comprometimento dos membros



Ilustrações: Adobe Stock

27%

Baixa maturidade espiritual dos frequentadores



Atividades financeiras/administrativas

19%



18%

A política na igreja



16%

A implementação de mudanças



10%

O trabalho com as instâncias denominacionais

Dificuldades relacionais

8%



Fonte: Instituto Barna, "The Ups and Downs of Ministry". Disponível em <https://goo.gl/XZATc2>.

Desafio cultural



Gentileza do autor

O distrito pastoral ao qual atendo está localizado no extremo da região norte do Brasil. A cidade-sede, Tabatinga, faz fronteira com dois países: Peru e Colômbia. A população do município é altamente miscigenada, composta por brasileiros, peruanos, colombianos e, entre esses, indígenas de diversas etnias como *tikunas* e, principalmente, *kokamas*. Entre os brasileiros em Tabatinga, existem grupos que são rotativos, como por exemplo, os militares das forças armadas, bancários e funcionários dos órgãos públicos. Eles residem na cidade por um período, vindos de diversas regiões do Brasil e, depois, são transferidos para outros lugares.

Considerando essa realidade, o desafio é fazer com que o evangelho alcance as pessoas inseridas nessa diversidade cultural, cada uma delas com suas necessidades inerentes à própria cultura, mas todas carentes da graça divina. Como chegar a elas? Como romper as barreiras culturais e linguísticas?

Olhando para o passado, no decorrer da minha vida, posso ver como Deus sempre me preparou para esse momento, para esse distrito. Sou natural do Peru, graduado em Teologia pela Universidade Peruana União (UPeU). Durante as férias, e graças à colportagem, tive o privilégio de trabalhar e co-

nhecer diferentes países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Paraguai. Nesses lugares conheci diferentes culturas e aprendi a me adaptar aos costumes delas, inclusive relacionados às barreiras com o idioma.

No sul do Brasil, conheci minha esposa que, desde que nos casamos, me acompanha nessa jornada ministerial. Após dez anos de pastorado, fomos enviados para trabalhar na região Norte. Quando fomos chamados, eu me perguntava: Por que nós? Não havia ministros mais jovens? Mas Deus sabia o porquê. Ele nos preparou para esse desafio.

Pregar em português para brasileiros e em espanhol para peruanos e colombianos

é rotina nas igrejas que pastoreio, além de, muitas vezes, atender três países no mesmo dia levando a mensagem de esperança.

Diante desse enorme desafio cultural, uma inquietude ecoava em meus pensamentos: Que método usar para evangelizar essa cidade? Lembrei-me, então, de um texto do livro *A Ciência do Bom Viver*, de Ellen White: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (p. 49).

Confiante de que essa mensagem era a resposta e a solução divina para minhas inquietudes, coloquei-me nas mãos do Espírito Santo. Pela graça do Senhor, tivemos a alegria de plantar mais cinco igrejas na cidade, estar mais próximo do povo e observar suas necessidades. Atualmente temos igrejas para peruanos e colombianos, iniciamos trabalhos nas comunidades indígenas e estamos realizando projetos sociais com os imigrantes.

Temos ainda muito a fazer para tornar nossa igreja mais relevante para a comunidade. No entanto, estou certo de que foi nosso bom Deus que nos enviou para este lugar. O Senhor cuida daqueles a quem Ele envia. Minha oração é que Ele continue capacitando a mim e à minha família para levar o evangelho àqueles que necessitam da salvação. **TM**

Willy Castro é pastor do distrito de Tabatinga, AM

Unção de enfermos

A unção era uma prática comum na igreja apostólica. Ela se tornou um recurso espiritual confortante e uma manifestação de fé no poder restaurador do Espírito Santo. Tiago instruiu: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungi-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e se houver cometido pecados, eles lhe serão perdoados” (Tg 5:14, 15). Ao pedir que um pastor ou ancião (sob autorização do pastor distrital) ministre a unção, o enfermo reconhece seu grave estado de saúde e sua entrega completa à vontade de Deus.

Atualmente parece que essa prática tem perdido um pouco de sua importância, talvez por falta de conhecimento sobre o assunto. Neste espaço, desejo expor resumidamente como se deve proceder com respeito à unção de enfermos.

A iniciativa. Espera-se que a unção seja ministrada a partir do desejo da pessoa enferma. Para tanto, o doente precisa estar inteirado de sua condição física e consciente no momento da unção. Caso ele ainda não compreenda a importância dessa cerimônia, um familiar, o pastor, um líder da igreja ou membro deve informá-lo quanto a essa prática, para benefício de sua saúde e fé.

O azeite. O azeite de oliva era considerado um dos remédios mais comuns entre os antigos, usado tanto para se ingerir como para untar. No clima quente da Palestina, friccionar o corpo com óleo era uma prática frequente. Na Bíblia, o azeite simboliza a presença e atuação do Espírito Santo (Zc 4:2-6).

A circunstância. A cerimônia da unção não deve ser usada diante de qualquer

mal-estar comum. Ela deve ser reservada para doenças graves, mas não somente para as fatais. O ato de ungir significa que reconhecemos um grave problema físico e o enfrentamos colocando nossa confiança em Deus acima, mas não em substituição, de todos os recursos da medicina.

O local. A Bíblia não fala de um lugar específico para realizá-la. Portanto, cremos que ela pode ser feita na casa da pessoa enferma, no hospital ou no asilo. Por ser uma cerimônia reservada, normalmente se convida a família, algum parente próximo e mais alguém que a pessoa deseje.

O preparo. Tanto o oficiante quanto a pessoa que está enferma devem rogar o perdão de seus pecados, fazer os devidos acertos e se entregar completamente nas mãos do Senhor, a fim de que a oração seja atendida segundo a Sua vontade (1Jo 5:14, 15).

A cerimônia. O rito deve ser realizado de forma simples, curta e objetiva. Antes da leitura dos textos bíblicos e da oração, cabe ao oficiante esclarecer que nem sempre as pessoas unguidas são curadas. Deus pode restaurar todas as enfermidades; contudo, se essa não for Sua vontade, o Senhor pode prover forças à pessoa enferma para que ela suporte o sofrimento e, então, permitir que ela descanse em Cristo, na esperança da ressurreição. O oficiante e os participantes podem orar ajoelhados ou em pé, dependendo das circunstâncias. Se o doente desejar orar, poderá fazê-lo. Nesse caso, o oficiante orará por último e aplicará o azeite com as pontas dos dedos na frente da pessoa enferma.

A leitura. Há muitos textos e passagens bíblicas que podem ser usados nessas ocasiões, como Tiago 5:13 a 16; Números 21:8 e 9; Salmo 103:1 a 5 e Marcos 16:15 a 20.



© Bilderstocker / Adobe Stock

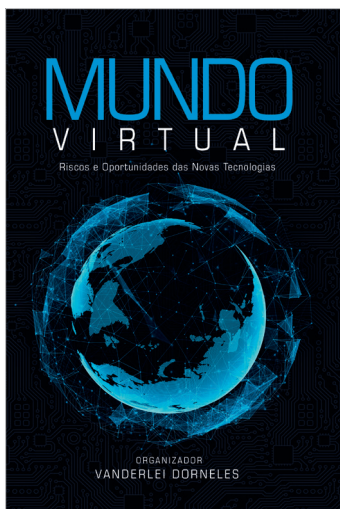
Trechos de algum livro devocional também podem ser lidos. Entretanto, a cerimônia não deve ser demorada. Logo após o encerramento, não é recomendável que os participantes fiquem conversando no recinto. O ideal é que deixem a pessoa em paz, com seus pensamentos voltados a Deus.

É importante destacar que não podemos impedir ninguém de receber a unção. Se a Santa Ceia é facultada a todos, o mesmo princípio deve ser aplicado com respeito a essa cerimônia. No entanto, faz-se necessário uma explicação sobre o significado do rito antes de sua realização. O perdão, a cura e a salvação estão disponíveis a todos os pecadores. **M**



Gratificação do autor

Erico Tadeu Xavier, doutor em Teologia, é professor na Faculdade de Teologia do Instituto Adventista Paranaense



Mundo Virtual: Riscos e oportunidades das novas tecnologias

Vanderlei Dorneles, org., Casa Publicadora Brasileira, 2016, 240 p.

Mundo Virtual foi planejado para não ser apenas um eco dos receios diante das novas tecnologias, mas também para oferecer uma análise equilibrada do contexto em que vivemos. Como líderes cristãos, certamente temos interesse em saber como essas tecnologias de comunicação podem ser utilizadas para a proclamação da mensagem de salvação e do estabelecimento do reino de Deus.

De que maneira a experiência religiosa é impactada em um mundo marcado pela cultura virtual? Como a família e o casamento são afetados pela cultura e o modo de vida do ciberespaço? Qual é a solução para a compulsão e dependência do vício da virtualidade? Essas e outras questões essenciais são abordadas neste livro.

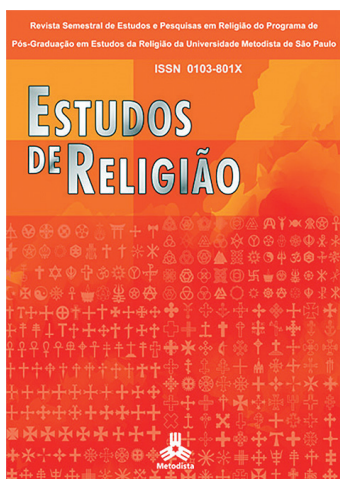


Comunicação Corporativa no Adventismo: Diagnósticos e perspectivas

Luiz H. Santos, Francisca Costa e Valdeni Kunz, org., Unaspres, 2016, 342 p. (e-book)

A comunicação de valor é a principal variável formadora da imagem e, conseqüentemente, da reputação das instituições. As novas plataformas de comunicação têm colocado as organizações religiosas em meio a um turbilhão de fluxos comunicacionais assíncronos que demandam respostas e posicionamentos. Um dos desafios da revolução digital é saber como extrair os benefícios das ferramentas, reconhecer os limites do seu uso e como podemos usá-las de forma equilibrada.

A presente obra é um conjunto de artigos sobre os grandes temas da comunicação necessários à demanda da igreja na atualidade. O objetivo dessa publicação é apresentar soluções como estratégia de gestão e antecipar as novas demandas, sugerindo e inspirando o desenvolvimento metodológico e instrumental. Contudo, em ambos os casos, contribuindo para uma missão muito maior do que a própria comunicação: a mensagem do reino de Deus para todos nesta geração.



Revista Estudos de Religião – Umesp

Estudos de Religião é uma publicação quadrimestral editada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Circulando desde 1985, ela tem por objetivo divulgar artigos científicos, relatos e resenhas sobre o fenômeno religioso, que privilegia suas relações com as ciências sociais, psicologia, teologia, história, literatura do mundo bíblico e prática religiosa. A revista está disponível para pesquisadores e docentes da área de Ciências da Religião, para aqueles que têm o fenômeno religioso como objeto de estudo e para os interessados em geral.

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER>

Comunicação é missão

É muito comum se falar sobre comunicação e missão. As duas palavras, uma seguida da outra. Mas podemos falar, de outra forma, que comunicação é missão. Sim, porque comunicação não é um conceito separado de missão no aspecto espiritual. A Bíblia expõe claramente a unidade entre os dois. O cumprimento da missão de pregar o evangelho a todas as pessoas está intimamente ligado com a comunicação estratégica. E há pelo menos três razões básicas para isso:

O evangelho é ensino vivo na comunicação relacional. Em Hebreus 4:12, o autor declara que “a palavra de Deus é viva e eficaz e mais afiada que espada de dois gumes”. Ou seja, a Bíblia e seus ensinamentos possuem validade perene, e isso está totalmente relacionado com a comunicação. Comunicação é, sob um ponto de vista, a prática da relação entre pessoas em uma troca constante de mensagens relevantes, tanto para quem transmite quanto para quem recebe. Essa é a comunicação no aspecto relacional. E essa mensagem, portanto, tem que ser viva, porque é o que Deus ensina. Não é algo morto, obsoleto, ultrapassado. Faz a diferença na vida das pessoas. Comunicação é, por isso, missão!

O evangelho é acessível a todos os públicos na comunicação estratégica. Há uma ideia muito importante quando se pensa em comunicação estratégica: a relevância da mensagem para diferentes públicos. Nem todos pensam da mesma forma, comportam-se de igual modo ou assimilam a mensagem do mesmo jeito. Para diferentes públicos, nada mais inteligente do que diferentes abordagens de uma mesma mensagem. Isso torna o evangelho acessível a muita gente, com cosmologias bem distintas. Assim, temos a comunicação estratégica: a habilidade de expressar uma mensagem de maneira que uma criança de sete anos entenda e um adulto não religioso, também. A mesma mensagem, com diferentes abordagens. Comunicação é, também nesse caso, missão!



Nossos planos, tecnologias, equipamentos, estruturas e profissionais só fazem sentido se todos esses esforços resultarem em comunicação aplicada à missão.”

O evangelho é o poder de Deus transformador na vida humana. Paulo, afirmou: “Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1:16). O evangelho é o poder de transformação espiritual porque não apenas estabelece uma comunicação no nível básico. Pense na comunicação estratégica em três dimensões. A primeira delas é o nível de informação. Comunicar é informar. Mas é mais do que isso! Nos tempos em que vivemos, de experiência do usuário com a mensagem de uma forma mais concreta e abrangente, comunicar é, também, formar. É estabelecer um modo diferente de as pessoas pensarem sobre determinado assunto.

Comunicar, porém, é ainda mais do que informar e formar. Deus usa a comunicação estratégica, pensada, organizada, para transformar a vida das pessoas. Um vídeo, um site, uma postagem em rede social, um texto impresso ou digital, uma revista, um folder, uma transmissão ao vivo, todos esses produtos comunicacionais são importantes; mas só possuem valor espiritual se significarem a pregação do evangelho que muda efetivamente a perspectiva das pessoas e as coloca na dependência de Deus.

Não nos enganemos. Comunicar é pregar o evangelho. As duas ideias são indissociáveis e estão completamente ligadas. Os planos, tecnologias, equipamentos, estruturas e profissionais só fazem sentido se todos esses esforços resultarem em comunicação aplicada à missão. Por isso, sem qualquer temor, diante desse cenário, podemos afirmar, com toda a certeza, que comunicação é missão! **FM**

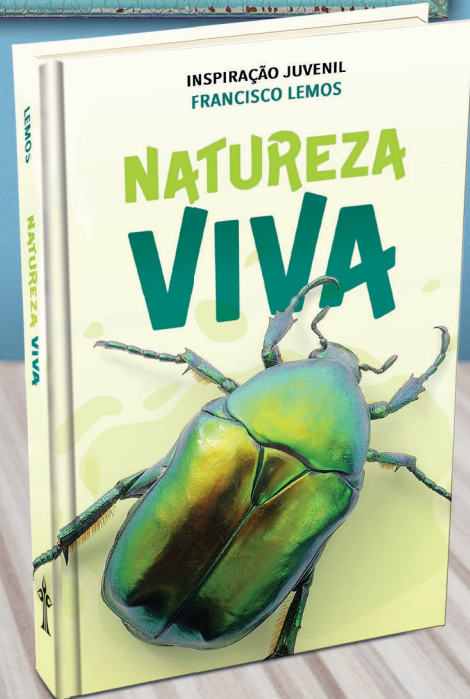
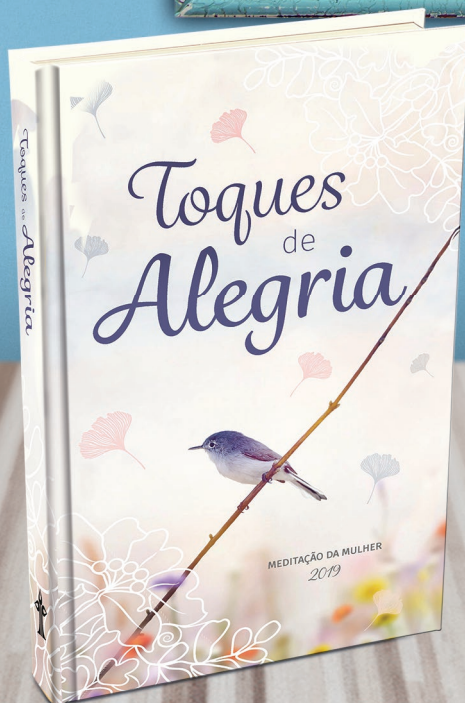


Felipe Lemos, mestrando em Comunicação, é assessor de comunicação para a Igreja Adventista na América do Sul

MEDITAÇÕES DIÁRIAS 2019. ADQUIRA JÁ A SUA!



MKT CPB | F0011a



PARA TODA A FAMÍLIA



Pr. Erton Köhler
Presidente da Divisão Sul-Americana

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



/casapublicadora